



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

Carolina Stiepanowez Oliveira da Rocha

**Falar de paz ao falar de guerra: Jornalismo literário como veículo para jornalismo de
paz em coberturas de guerra**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Orientadora: Lilian Saback

Rio de Janeiro,
Novembro de 2025

Falar de paz ao falar de guerra: Jornalismo literário como veículo para jornalismo de paz em coberturas de guerra

Carolina Stiepanowez Oliveira da Rocha

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo entender se o jornalismo literário tem o potencial de ser uma ferramenta para o desenvolvimento, em um contexto de conflito armado, do jornalismo de paz segundo a teoria de Johan Galtung (2003). Para isso, a pesquisa usa como metodologia a revisão bibliográfica sobre os conceitos de jornalismo de paz (Galtung, 2004, Lynch e McGoldrick, 2005, Hanitzsch, 2004, 2007), jornalismo literário (Pena, 2006, Wolfe, 2005, Pereira, 2017) e a história das coberturas de guerra, uma análise de conteúdo dos livros *O Gosto da Guerra* (Ribeiro, 2024) e *A Queda de Bagdá* (Anderson, 2004) e, por fim, entrevistas em profundidade com os autores dessas obras. A partir dessa análise, pode-se concluir que as estratégias discursivas e métodos produtivos do jornalismo literário facilitam a prática do jornalismo de paz e aproximam esses dois conceitos.

Palavras-chave: Guerra; Jornalismo de Paz; Jornalismo Literário; A Queda de Bagdá; O Gosto da Guerra

Abstract

This study aims to understand whether literary journalism has the potential to be a tool for the development, in a context of armed conflict, of peace journalism according to Johan Galtung's theory (2003). To this end, the research uses a methodology based on a literature review of the concepts of peace journalism (Galtung, 2004, Lynch e McGoldrick, 2005, Hanitzsch, 2004, 2007), literary journalism (Pena, 2006, Wolfe, 2005, Pereira, 2017), and the history of war coverage, a content analysis of the books *O Gosto da Guerra* (Ribeiro, 2024) and *The Fall of Baghdad* (Anderson, 2004), and, finally, in-depth interviews with the authors of these works. Based on this analysis, it can be concluded that the discursive strategies and productive methods of literary journalism facilitate the practice of peace journalism and bring these two concepts closer together.

Key-words: War; Peace Journalism, Literary Journalism, The Fall of Baghdad, O Gosto da Guerra

Agradecimentos

A Deus, que me acompanha de longe, mas sempre está perto.

À minha mãe, Vânia, e à minha avó, Sônia, que sempre foram minhas maiores apoiadoras.

À minha irmã Vanessa, que, antes de qualquer um, esteve lá por mim.

À minha melhor amiga, Alice, que também se tornou minha família ao longo de todos esses anos.

Ao meu namorado, João Vitor, que ficou ao meu lado durante esse trabalho, e ouviu mais do que ninguém sobre guerra e paz.

Aos meus professores, Adrian Quinn e Arthur Dapieve, e à minha amiga, Luisa Reis, que inspiraram o tema dessa pesquisa e me ajudaram a encontrar um norte.

A todos os outros amigos, colegas e professores que andaram junto comigo nessa caminhada.

E a PUC-Rio, que foi minha casa por 5 anos.

Sumário

Introdução	5
Capítulo I - O Jornalismo de Paz e Seus Desafios	7
1.1 As Críticas	10
Capítulo II - O Jornalismo Literário	15
2.1 Definição	16
2.2 Jornalismo Literário e a Guerra	19
2.3 Guerras do Vietnã e Iraque na Mídia	20
Capítulo III - A teoria na prática	23
3.1 O Gosto da Guerra	23
3.2 A queda de Bagdá	33
Conclusão	58
Bibliografia	60

Introdução

No mundo, poucos eventos atraem tanto a atenção da mídia como as guerras. Para jornalistas, conflitos armados têm um valor noticioso extremamente relevante – segundo Nelson Traquina (2005), a própria morte é notícia, e não há lugar como a guerra para encontrar derramamento de sangue. Nos estudos da comunicação, o papel do jornalismo nesse tipo de conflito armado é amplamente discutido, e questões sobre o método, objetivo e ética da cobertura tomam frente nos debates. A mídia atua apenas para refletir a tragédia? Ou o jornalismo de guerra é capaz de falar sobre paz e até ajudar a restaurá-la? A proposta deste trabalho é analisar se modelos alternativos de jornalismo – em específico, o jornalismo literário – são capazes de fazer esse trabalho de paz, sob a ótica específica das teorias de jornalismo de paz.

O conceito de jornalismo de paz foi criado por Johan Galtung, sociólogo norueguês e fundador do campo de estudos sobre paz e conflitos, na década de 1970. O ethos da teoria pode ser definido como a prática de um jornalismo socialmente responsável que visa à paz e a resolução pacífica de conflitos (Hanitzsch, 2004). Já o conceito de jornalismo literário, segundo Felipe Pena (2006), significa:

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (Pena, 2026, p. 6)

Nesta pesquisa, buscamos entender como esses dois conceitos se relacionam e se potencializam dentro do contexto do jornalismo prático da atualidade.

A partir desse enquadramento, dois livros foram escolhidos para serem o foco da análise. *A Queda de Bagdá*, de Jon Lee Anderson, que fala sobre a guerra do Iraque, em 2003; e *O Gosto da Guerra*, de José Hamilton Ribeiro, que tem como tema a guerra do Vietnã, nas décadas de 1960 e 70. Ambas as obras tratam de conflitos que contaram com intervenções militares polêmicas por parte dos Estados Unidos – em particular, invasões que contribuíram para gerar um profundo desequilíbrio político nas respectivas regiões. Mas uma diferença importante entre os livros é que o primeiro é escrito sob a perspectiva de um jornalista americano – nacionalidade

diretamente relacionada ao conflito – enquanto o segundo está na perspectiva de um brasileiro – país não relacionado com a guerra.

Através desse estudo, investigamos se os modos de produção e métodos discursivos do jornalismo literário são capazes de criar um terreno fértil para a prática do jornalismo de paz em coberturas de guerra. Além disso, analisamos como os objetos escolhidos se encaixam dentro dessa lógica e demonstram a relação que o jornalismo literário estabelece com o jornalismo de paz.

Em relação à metodologia, esta pesquisa toma como ponto de partida a revisão bibliográfica de livros, dissertações e artigos acadêmicos referentes aos principais estudiosos de jornalismo literário e jornalismo de paz – e utilizando, principalmente, as definições de Felipe Pena (2006), Tom Wolfe (2005), Andreza Pereira (2017), Johan Galtung (2004), Lynch e McGoldrick (2005), Thomas Hanitzsch (2004, 2007) e entre outros sobre os respectivos conceitos. De acordo com Ida Regina Stumpf (2010), a pesquisa bibliográfica é o passo inicial de qualquer trabalho de pesquisa, e ela vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia até a apresentação da literatura examinada e acréscimo de novas ideias.

Além disso, o estudo também faz uma análise de conteúdo das obras *A Queda de Bagdá* e *O Gosto da Guerra*, atentando-se a alguns momentos e personagens específicos. No caso de *A Queda de Bagdá*, os pontos focais serão o motorista Sabah al-Taiee, o médico Ala Bashir, os encontros com a mídia estrangeira e grupos de paz antes e depois da invasão e, por fim, o ataque ao hotel Palestine. Já n’*O Gosto da Guerra*, uma atenção especial será dada às missões em conjunto com os soldados americanos, ao momento em que José Hamilton perde a perna e subsequente estadia no hospital, ao suposto encontro com um vietcongue e às mulheres vietnamitas as quais o autor descreve ao longo da obra. Segundo Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2010), a análise de conteúdo na atualidade é uma técnica híbrida que pode valorizar os aspectos tanto quantitativos quanto qualitativos de um determinado objeto.

A formação do campo comunicacional não pode ser compreendida sem se fazer referência à análise de conteúdo. [...] A análise de conteúdo (AC), em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. Esse conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, vem sendo utilizado, pelo menos, desde o século XVIII [...] (Júnior, 2010, p. 280)

Por fim, foram feitas entrevistas em profundidade com os autores Jon Lee Anderson e José Hamilton Ribeiro. O propósito dessas conversas foi descobrir o quanto o método de produção de um determinado objeto jornalístico sobre guerra influencia – ou não – a relação que ele tem com o jornalismo de paz. Perguntei sobre o tempo de produção, o dia a dia de trabalho e a relação estabelecida com os veículos que enviaram os correspondentes para o estrangeiro. As entrevistas foram realizadas seguindo o método Duarte (2010), que explica que a entrevista individual em profundidade é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (Duarte, 2010, p. 62).

No primeiro capítulo, o conceito de jornalismo de paz é explorado com base nos trabalhos de Johan Galtung (2003), Lynch e McGoldrick (2005), Kempf (2005), entre outros autores do tema. Depois, esse conceito é destrinchado em a partir de suas críticas, como a desconsideração de estruturas produtivas, foco extremo no jornalista como indivíduo e formato divergente daquele veiculado predominantemente no jornalismo tradicional da atualidade. Já no segundo capítulo, são descritas as diferentes definições de jornalismo literário, explorando também a evolução histórica desse gênero - com destaque para o movimento do Novo Jornalismo. Há um foco especial na humanização presente nesses textos, em relação tanto aos personagens quanto ao próprio autor/jornalista. Em seguida, o texto discorre sobre a relação histórica entre jornalismo literário e jornalismo de guerra, que se desenvolveram de maneira concomitante e interligada, e explora as relações das Guerras do Vietnã e do Iraque com a mídia, mostrando como esses dois conflitos foram importantes momentos de transformação material e ideológica para o jornalismo de guerra. Por fim, no terceiro capítulo, os objetos de pesquisa são analisados com base nos conceitos explorados nos capítulos anteriores - começando com *O Gosto da Guerra* e seguindo com *A Queda de Bagdá*.

Capítulo I - O Jornalismo de Paz e Seus Desafios

A cobertura de conflitos armados no jornalismo tem uma história longa e complexa, mas apresenta um padrão amplo que pode ser resumido em uma frase: a mídia gosta de guerra. Segundo Shinar (2013), empresas jornalísticas possuem culturas institucionais (organizacional, pessoal e profissional) que valorizam a violência e os conflitos em suas reportagens e, muitas vezes, até os incitam por meio dessa cobertura. Estruturalmente, o jornalismo é orientado para acontecimentos dramáticos, em especial aqueles que envolvem conflitos e perigo (Wolfsfeld, 2004), então guerras têm um alto valor noticioso. Além disso, esse tipo de evento engaja o público emocional e intelectualmente, o que atrai tanto atenção quanto a audiência (Nohrstedt, 2009).

Johan Galtung classifica esse molde contemporâneo de cobertura de guerras como “Jornalismo de Guerra”: um jornalismo reativo que tem como foco a violência do conflito e os efeitos visíveis dela, orientado por uma perspectiva maniqueísta de “Nós vs. Eles”. O “Jornalismo de Guerra” também coloca como personagens principais dos conflitos as elites afetadas, e mantém uma perspectiva de vitória tradicional de apenas uma das partes (Lynch, McGoldrick, 2005). Crítico desse *modus operandi* da mídia em relação a conflitos armados, Galtung idealizou, na década de 1970, um modelo para contrapor a realidade atual da cobertura de guerra: o chamado jornalismo de paz. Nesse tipo de jornalismo, o conflito é visto de maneira ampla, levando em consideração o contexto histórico-cultural daquela disputa, destacando a humanização de todas as partes, evidenciando os efeitos invisíveis da guerra e focando nas vítimas – em especial aquelas que geralmente não têm voz nem poder, como mulheres, crianças e idosos. Além disso, o jornalismo de paz revela as mentiras dos atores envolvidos e, principalmente, destaca soluções de lógica “ganha-ganha” e iniciativas de paz (Galtung, 2003). O autor explica com mais detalhes as diferenças entre o jornalismo de paz e o Jornalismo de Guerra por meio de uma tabela comparativa:

Imagem 1 - Jornalismo de Paz X Jornalismo de Guerra

Peace/conflict journalism	War/violence journalism
<p><i>I. Peace/Conflict-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Explore conflict formation; x parties, y goals, z issues; general “win-win” orientation • Open space, open time; causes and outcomes anywhere, also in history/culture • Making conflicts transparent • Giving voice to all parties; empathy, understanding • See conflict/war as problem, focus on conflict creativity • Humanization of all sides; more so the worse the weapons • Proactive: prevention before any violence/war occurs • Focus on invisible effects of violence (trauma and glory, damage to structure/culture) <p><i>II. Truth-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expose untruths on all sides • Uncover all cover-ups <p><i>III. People-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Focus on suffering all over; on women, aged, children, giving voice to the voiceless • Give name to all evil-doers • Focus on people peacemakers <p><i>IV. Solution-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Peace = non-violence + creativity • Highlight peace initiatives, also to prevent more war • Focus on structure, culture, the peaceful society • Aftermath: resolution, re-construction, reconciliation 	<p><i>I. War/Violence-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Focus on conflict arena, two parties, one goal (win), war general zero-sum orientation • Closed space, closed time; causes and exits in arena, who threw the first stone • Making wars opaque/secret • “Us-them” journalism, propaganda, voice, for “us” • See “them” as the problem, focus on who prevails in war • Dehumanization of “them”; more so the worse the weapon • Reactive: waiting for violence before reporting • Focus only on visible effect of violence (killed, wounded and material damage) <p><i>II. Propaganda-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Expose “their” untruths • Help “our” cover-ups/lies <p><i>III. Elite-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Focus on “our” suffering; on able-bodied elite males, being their mouth-piece • Give name of their evil-doer • Focus on elite peacemakers <p><i>IV. Victory-oriented</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Peace = victory + ceasefire • Conceal peace-initiative, before victory is at hand • Focus on treaty, institution the controlled society • Leaving for another war, return if the old flares up

Fonte: Galtung, 2003, p. 178

Lynch e McGoldrick (2013) mostraram que essa abordagem das notícias leva a menos desesperança e medo no público, ao mesmo tempo em que aumenta a empatia por uma ou mais das personagens envolvidas no conflito. O contexto e os antecedentes acrescentados nas reportagens também levaram os telespectadores a sugerir soluções que envolviam negociações para paz ou mudanças estruturais - houve uma maior receptividade a respostas cooperativas e não violentas ao conflito. Um estudo sobre as respostas do público realizado por Kempf (2005) também obteve resultados semelhantes: as versões de texto orientadas para a redução da escalada resultaram em um público mais aberto à transformação construtiva de conflitos e com modelos mentais menos polarizados. Por outro lado, Jehangir (2021), demonstrou como a orientação da mídia para a guerra pode ser destrutiva por meio da relação de refugiados afegãos no Paquistão com a população paquistanesa. No estudo, ele argumenta que a exclusão do

jornalismo de paz e o foco no jornalismo de guerra promoveu narrativas etno-nacionalistas e legitimou a repatriação forçada de refugiados. Desse modo, um jornalismo orientado para a escalada de um conflito pode ajudar um determinado grupo a legitimar uma guerra, além de perpetuar imagens antagônicas mantidas pelas elites políticas e militares (Jehangir, 2021).

1.1 As Críticas

As teorias de jornalismo de paz, apesar de nobres, são controversas por causa da visão idealista que possuem de jornalistas e do próprio jornalismo. Primeiramente, elas pressupõem um grande poder individual no processo de produção de notícias, sem levar em conta as restrições presentes nas rotinas diárias das redações (Hanitzsch, 2007). Reportagens aprofundadas e críticas só podem ser desenvolvidas se os jornalistas estiverem equipados com o material necessário para isso, tanto em termos de formato - material suficiente de fontes variadas, um nível de liberdade dentro do meio escolhido e restrições de tempo razoáveis - quanto em termos de política e margem de manobra social - os jornalistas trabalham dentro das estruturas de poder de seus próprios contextos, e fatores como preconceitos de grupo, agendas políticas e culturas profissionais são relevantes na produção de notícias (Baden e Tenenboim-Weinblatt, 2018). Warren Breed elucida, em sua Teoria Organizacional, a relevância da pressão da política empresarial sobre parte do trabalho do jornalista.

“Política” pode ser definida como a orientação mais ou menos consistente demonstrada por um jornal, não apenas em seu editorial, mas também em suas colunas de notícias e manchetes, em relação a questões e eventos selecionados. [...] ela envolve omissão, seleção diferencial e posicionamento preferencial, como “destacar” um item pró-política, “enterrar” uma história anti-política em uma página de dentro, etc. [...] todos menos os funcionários mais novos sabem qual é a política. Ao ser perguntados, eles afirmam que aprenderam “por osmose”. Sociologicamente, isso significa que eles se socializam e “aprendem as regras” como um neófito em qualquer subcultura. Basicamente, o aprendizado da política é um processo pelo qual o recruta descobre e internaliza os direitos e obrigações do seu status e das suas normas e valores. Ele aprende a antecipar o que é esperado dele para ganhar recompensas e evitar punições¹. (Breed, 1995, p. 328)

¹ Tradução livre do trecho: "Policy" may be defined as the more or less consistent orientation shown by a paper, not only in its editorial but in its news columns and headlines as well, concerning selected issues and events. [...] it involves omission, differential selection and preferential placement, such as "featuring" a pro-policy item, "burying" an anti-policy story in an inside page, etc. [...] all but the newest staffers know what policy is. On being asked, they say they learn it "by osmosis." Sociologically, this means they become socialized and "learn the ropes" like a neophyte in any subculture. Basically, the learning of policy is a process by which the recruit discovers and

O autor conceitua que conformidade à política da redação por parte do jornalista se daria, principalmente, por causa de seis fatores. Primeiramente, a autoridade institucional cristalizada pelas sanções, onde o medo de demissão, rebaixamento ou mudança de área solidifica o poder institucional e orienta a atuação de jornalistas. Em seguida, a obrigação e estima para com os seus superiores, que muitas vezes servem como modelos para recém-chegados e estabelecem relações de hierarquia. O terceiro fator se refere à aspiração de mobilidade - ir contra uma política editorial pode dificultar a ascensão na carreira. Em quarto lugar, a ausência de um grupo de lealdade e conflito, já que, primeiramente, sindicatos de jornalismo geralmente não se envolvem em questões internas como a política editorial de uma empresa (Breed, 1995). Na atualidade, mesmo que haja uma defesa dos direitos dos trabalhadores dentro do ambiente de trabalho, há uma queda global das taxas de sindicalização e número de greves - inclusive no campo do jornalismo, demonstrando essa individualização cada vez maior dos trabalhadores (Ghedini, 2012). O quinto fator pode ser descrito como o prazer na atividade, que diz respeito que as ideias da informalidade na redação e da natureza interessante e importante do trabalho atuam como dissipadores de conflitos, eles mostram “o ambiente profissional voltado à busca pela notícia, e isso se dará de forma harmônica entre os profissionais” (Brotto, 2012, p. 2). Por fim, a notícia como valor, onde a notícia se transforma na prioridade do jornalista e atua como recompensa em si mesma:

Em vez de mobilizar seus esforços para estabelecer objetividade sobre a política como o critério de desempenho, suas energias são canalizadas para obter mais notícias. As demandas da competição (em cidades onde há dois ou mais jornais) e velocidade reforçam esse foco. Jornalistas falam sobre ética, objetividade e o valor relativo de diversos jornais, mas não quando há notícias para conseguir. Notícias vêm primeiro, e há sempre notícias para conseguir². (Breed, 1995, p. 331)

internalizes the rights and obligations of his status and its norms and values. He learns to anticipate what is expected of him so as to win rewards and avoid punishments.

²Tradução livre do trecho: Instead of mobilizing their efforts to establish objectivity over policy as the criterion for performance, their energies are channeled into getting more news. The demands of competition (in cities where there are two or more papers) and speed enhance this focus. Newsmen do talk about ethics, objectivity, and the relative worth of various papers, but not when there is news to get. News comes first, and there is always news to get.

Nesse contexto, também é importante destacar como a pressão da velocidade, das *breaking news* e da audiência influenciam o ambiente de trabalho dos jornalistas. Com o fenômeno da Internet, das redes sociais e das transmissões 24 horas, o ciclo de notícias contemporâneo está mais rápido do que nunca, e os jornalistas estão sendo cobrados um trabalho cada vez mais veloz para manter a competitividade no mercado - muitas vezes a custo da precisão e da reflexão crítica (Lee, 2015). Isso porque, segundo pesquisas, a maioria das organizações favorece esse jornalismo orientado pela velocidade por acreditarem que atualizações mais rápidas se traduzem em mais audiência, o que equivale a mais lucro (Lewis & Cushion, 2009; Nyhan, 2013; in Lee, 2015).

E essa busca por audiência também afeta o conteúdo e o formato. Como já previamente mencionado, a política predominante das redações modernas em relação às coberturas de guerra é de valorização de conflitos e violência, e o jornalismo de paz faz oposição explícita a esses valores-notícia básicos pelos quais o jornalismo atual opera, no sentido que processos de paz são complexos, longos, lentos e visam redução das tensões enquanto as notícias preferem o imediato, o dramático e o movimentado (Wolfsfeld, 1997). Enquanto a violência e a escalada de conflitos atendem aos critérios de valores notícia relacionados aos desvios de rotinas diárias e interrupções ao dia a dia, a paz é caracterizada pela ausência dessa dramaticidade - e as rotinas jornalísticas tendem a colocar em primeiro plano “informações dramáticas, ameaçadoras e conflitantes”, com foco em torno de eventos marcantes e, em geral, deixando de lado as notícias sobre a paz e se afastando de conflitos à medida que eles persistem e se tornam “notícia velha” (Baden & Tenenboim-Weinblatt, 2018, p. 6-7). Segundo Hanitzsch (2007), o atual mercado de atenção das notícias, mesmo sendo questionado em relação aos seus verdadeiros valores democráticos e à capacidade de produzir notícias de qualidade (Paterson, 2011), dificulta qualquer desvio desse padrão já cristalizado:

A principal característica de valores-notícia é que eles chamam atenção; e em nossa sociedade pós-moderna, a atenção do público é a moeda central e, portanto, torna-se um bem cada vez mais limitado. Consequentemente, praticamente tudo na comunicação pública é voltado para a atenção do público, seja jornalismo, relações públicas, publicidade ou entretenimento. A grande mídia não pode se dar ao luxo de abandonar valores-notícia, pois isso colocaria em risco a base econômica sobre a qual é forçada a operar. Ironicamente, para ser bem-sucedido no “mercado de atenção do público”, o

jornalismo de paz teria que se submeter aos mesmo valores do jornalismo corporativo³. (Hanitzsch, 2007, p. 5)

Também é necessário levar em consideração restrições de envolvimento que podem impactar a recepção do jornalismo de paz pelo público - ou seja, avaliar a relação daquele grupo com o conflito. Quanto mais uma determinada população estiver ligada à guerra sendo coberta, mais ela tenderá a se identificar com uma das partes e interpretar o conflito de modo a favorecer aquela parte - criando um modelo mental que pode se solidificar em crença. Por outro lado, em regiões afastadas do conflito, o público local tende a se sentir menos envolvido com assuntos internacionais, e é de se esperar que a imprensa regional tenha menos acesso à investigação profunda de assuntos internacionais - o que cria, então, um afastamento em relação a conflitos estrangeiros (Kempf, 2005).

Mas, é importante pontuar que, mesmo que o padrão da mídia parta do pressuposto que o interesse do público favorece a cobertura orientada para escalada de conflitos, ele não fica restrito a isso. Uma pesquisa de Kempf (2005) mostrou que a cobertura orientada para a desescalada do conflito pode despertar o mesmo engajamento em consumidores que uma cobertura orientada para a escalada. Embora os fatores tradicionais das notícias, como "negativo X positivo" e "pessoal X estrutural", ainda desempenhem um papel importante, especialmente com os leitores menos informados e com menos conhecimento político, as reportagens complexas também são capazes de atrair o interesse do público quando permitido pelo formato da mídia.

Por fim, contemplando um último questionamento sobre essa teoria, o jornalismo de paz se afasta do modelo de neutralidade do jornalismo tradicional em favor de um enquadramento das notícias voltado para paz, o que também coloca profissionais como participantes ativos nesses eventos e reforça a ideia do poder individual do jornalista. Segundo Hanitzsch, há duas correntes principais para conceituar a prática do jornalismo de paz. A primeira pode ser chamada de “cobertura intervencionista” - onde o “jornalismo não deveria mostrar apenas a

³ Tradução livre do trecho: The main characteristic of news values is that they raise attention; and in our post-modern society public attention is the central currency and thus becomes an increasingly limited good. Consequently, virtually everything in public communication is geared toward public attention, be it journalism, public relations, advertising or entertainment. The mainstream media can ill afford to abandon news values, as this would jeopardize their economic base on which they are forced to operate. Ironically, in order to be successful in the “marketplace of public attention”, peace journalism would have to subscribe to the same values as does corporate journalism.

realidade ‘como ela é’, mas também deveria criar a realidade, dar exemplos e exigir mudanças” (Hanitzsch, 2007, p. 3). A segunda já se relaciona mais intimamente com os princípios clássicos do bom jornalismo - ou seja, ele “não tem a intenção de substituir a propaganda de guerra pela propaganda de paz, mas implica descartar antagonismos simples entre o ‘bem’ e o ‘mal’” (ibidem), além de questionar a lógica militar. Em ambas essas vertentes, o objetivo da prática do jornalismo de paz seria, então, criar um ambiente onde o trabalho dos profissionais da mídia ajudaria a reduzir a violência, a promover a paz, e a dar uma chance de opções pacíficas serem consideradas como possíveis respostas para conflitos, colocando os jornalistas em um lugar de atores, ao invés de repassadores passivos de informações para o público - o que, mais uma vez, traz o profissional para uma posição de grande destaque tanto no próprio conteúdo quanto na lógica jornalística de maneira geral.

Dessa maneira, é possível concluir que o jornalismo de paz não consegue ser realizado apenas com a atuação individual dos jornalistas - o ambiente profissional no qual ele está inserido, o formato no qual ele trabalha e o ecossistema midiático onde ele opera precisam criar um cenário propício para o desenvolvimento desse tipo de cobertura. Tudo isso nos leva a questionar – existe algum contexto no qual as condições para o jornalismo de paz têm mais chance de serem atendidas? Fora da teoria, o jornalismo de paz não tem sido predominante, exceto em alguns experimentos intencionais ou em instâncias de “jornalismo de paz acidental” - em que há padrões não deliberados de jornalismo de paz como resultado de situações específicas relacionadas às organizações de notícias examinadas (Lynch et al., 2011). Mas, levando em consideração “a diversidade existente de veículos de mídia e formas alternativas, às vezes até contra-hegemônicas, de reportagem, como matérias jornalísticas, documentários e especiais, que exploram as formações de conflitos e as verdadeiras causas da violência com muito mais detalhes” (Hanitzsch, 2007, p. 6), podemos analisar modelos jornalísticos onde o terreno para o jornalismo de paz seria mais fértil.

Capítulo II - O Jornalismo Literário

Um dos modelos alternativos de jornalismo onde poderíamos encontrar um ambiente propício para o jornalismo de paz é o jornalismo literário - que, como já indica o nome, representa uma “hibridação de jornalismo e literatura: forma discursiva que produz narrativas baseadas na realidade e investidas de técnicas literárias” (Pereira, 2017, p. 7). A aproximação entre o jornalismo e a literatura teve início em meados dos séculos XIX e XX, tendo como base de convergência a narratividade de ambos os gêneros (Simas et al, 2017), e se desenvolveu em diversos países de maneira concomitante, com influências transnacionais e interculturais (Bak, 2017). Mesmo que as características desse estilo jornalístico tenham se desenvolvido a partir das diferenças culturais ao redor do mundo (ibidem), a ideia de jornalismo literário como entendemos hoje e que será explorada neste trabalho foi cristalizada na década de 1960, com a eclosão do *New Journalism* – movimento de jornalistas estadunidenses que, segundo Pereira, tinha o objetivo de romper com o jornalismo tradicional e desafiar os preceitos do lide e da prática noticiosa.

Distintamente das formas de aproximação entre jornalismo e literatura estabelecidas em momentos históricos precedentes, o Novo Jornalismo pode ser percebido como um contramovimento, uma reação de contestação ao que se entendia por jornalismo à época. Traquina (2001) define-o como uma ventania de protesto, que questiona os preceitos da prática noticiosa. É somente após o jornalismo ter se profissionalizado e a objetividade introduzida como valor fundamental para o exercício do ofício que o jornalismo literário pode constituir-se enquanto identidade/alteridade. O jornalismo literário contemporâneo se forma, assim, pelo signo da ruptura. (Pereira, 2017, p.11)

Ele ainda afirma que, em meio a um período histórico de transformações na sociedade americana, autores como Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote e John Hersey foram expoentes para esse movimento de questionamento da imprensa tradicional a partir do jornalismo literário. No livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, Tom Wolfe (2005) foi um dos primeiros a conceituar e pensar criticamente sobre o significado dessa junção da arte e do jornalismo na sociedade americana. Para Wolfe, os autores do Novo Jornalismo:

[...] estavam indo além dos limites convencionais do jornalismo, mas não apenas em termos de técnica. O tipo de reportagem que faziam parecia muito mais ambicioso também para eles. Era mais intenso, mais detalhado e sem dúvida mais exigente em termos de tempo do que qualquer coisa que repórteres de jornais ou revistas, inclusive repórteres investigativos, estavam acostumados a fazer. Eles tinham desenvolvido o hábito de passar dias, às vezes semanas, com as pessoas sobre as quais escreviam. Tinham que reunir todo o material que o jornalista convencional procurava - e ir além. Parecia absolutamente importante *estar ali* quando ocorressem cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente. A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. (Wolfe, 2005, p.37)

Desse modo, o Novo Jornalismo representa um movimento mais relevante de quebra do *status quo* do jornalismo, confrontando a homogeneização, a perda da polifonia e polissemia da realidade e o tratamento estandardizado dos acontecimentos. E, tomando como ponto de partida essa ruptura dos anos 1960, é possível compreender como o jornalismo literário se desenvolveu e se modificou até os dias de hoje.

2.1 Definição

Atualmente, segundo Pereira, o movimento de renovação do jornalismo literário é “impelido pela ideia de afinar o texto como instrumento de representação da complexidade da realidade” (2017, p. 47), desautomatizando o olhar do repórter dentro do processo produtivo jornalístico a partir da criação de novas técnicas e concepções de noticiabilidade. Felipe Pena (2006) define esse gênero a partir de sete características principais em relação ao seu conteúdo e modo de produção. Primeiramente, ele afirma que o jornalismo literário potencializa os recursos do jornalismo tradicional - ou seja, ele adapta os princípios da redação, como a apuração rigorosa, observação atenta e linguagem clara, e constitui novas estratégias profissionais. Em segundo lugar, o jornalismo literário é trabalhado a partir de uma quebra com a rotina de uma redação, onde o jornalista rompe com a periodicidade e a atualidade - duas características básicas do jornalismo contemporâneo. Na prática do jornalismo literário, o autor não “está mais enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar a sua reportagem. Além disso, os valores da novidade e do imediatismo se tornam menos relevantes do que no jornalismo do dia a dia. A terceira

característica é que esse gênero ultrapassa os limites dessa ideia de novidade e proporciona uma visão ampla da realidade:

A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (Pena, 2006, p. 7)

A quarta diz respeito ao exercício da cidadania - as abordagens do jornalismo literário devem levar em consideração o espírito público e a formação cidadã, além de contribuir para o bem comum social. Em quinto lugar, o jornalismo literário vai romper com as correntes do lide e aplicar técnicas literárias na construção da narrativa. O lide é uma estratégia desenvolvida por jornalistas estadunidenses no início do século XX para conferir objetividade à imprensa. Ele permite que seis questões básicas já sejam respondidas no primeiro parágrafo de uma reportagem: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê? Para Pena, se por um lado, o lide facilita e acelera a transmissão da informação, ele também contribui para a pasteurização dos textos, diminuição da criatividade e do estilo. Em sexto lugar, é necessário ir além dos definidores primários, entrevistados já legitimados que aparecem constantemente na imprensa, por exemplo, fontes oficiais como governadores, ministros, advogados, etc. No jornalismo literário, é necessário ouvir fontes alternativas para aprofundar a matéria e encontrar pontos de vista ainda não abordados. Por fim, um aspecto essencial desse gênero jornalístico é a perenidade:

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (Pena, 2006, p. 8)

E essa definição ainda pode ser complementada pelos elementos textuais do jornalismo literário identificados pelo pesquisador norte-americano Norman Sims (1995) e resumidas por

Edvaldo Pereira Lima (2004) e Mateus Yuri Passos & Romulo Augusto Orlandi (2007), que são a imersão do repórter no assunto abordado, uso da voz autoral, desenvolvimento de um estilo próprio, precisão de dados e informações, uso de símbolos e metáforas, desvio narrativo do tema principal para assuntos relacionados, para ampliar a percepção da realidade representada e a humanização, que permite que a fonte seja não só uma ferramenta de informação, mas também seja transformada em pessoa e personagem.

Sob essa ótica, a humanização dos personagens na construção da narrativa é um elemento fundamental para expressar a complexidade dentro dessas reportagens. Em um campo onde a objetividade era valorizada como medida primordial para realização do trabalho, o jornalismo literário reposiciona a subjetividade no relato jornalístico e a traz para uma posição central. Por meio da descrição de comportamentos, pensamentos e até elementos do ambiente de um personagem que revelam seu *status* ou modo de vida, o jornalismo literário cria empatia entre leitor e personagem, além de expressar a complexidade da vida interna daquele indivíduo - o que pode levar o leitor a um nível de compreensão ainda maior da notícia (Passos & Orlandini, 2007). Desse modo, a humanização gera o reconhecimento da alteridade do personagem, o que ajuda o texto a escapar de definições estereotipadas e do senso comum, enquanto “o tratamento jornalístico massificado e atrelado ao factual tende a massificar também os sujeitos”. (Pereira, 2017, p. 68).

Mas, a subjetivação não é incorporada apenas em relação à pessoa narrada - ela se dá duplamente também em relação ao próprio narrador/autor. Discorrendo sobre a humanização do jornalismo, Jorge Ijuim, Herma Suijkerbuijk e Laureane Schimidt (2008) afirma que a separação e distanciamento entre o ‘sujeito’ e o ‘objeto’ característico a ideia de conhecimento objetivo gera um pensamento fragmentado e esvazia o sujeito de subjetividade e afetividade. Em oposição, “o aprimoramento dos sentidos, a elevação da sensibilidade do sujeito, ao contrário, permitem-lhe também a elevação de sua capacidade intuitiva, o que contribui com suas habilidades para observar e se expressar.” (Ijuim et al, 2008, p. 142). Ele ainda argumenta que, para representar o presente em uma matéria jornalística, é preciso apreender o sentido e o contexto dos fenômenos - o que se torna pouco viável ignorando-se a condição subjetiva.

Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso, recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de

tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades - subjetividades. [...] pode-se compreender que um relato das ações humanas – a compreensão dos sentidos de fenômenos – é fruto da observação/percepção e, ao mesmo tempo, da reflexão desses fenômenos. Ora, a compreensão de um fato é, simultaneamente, a expressão e a reflexão sobre esse fato. (Ijuim, 2008, p. 5)

Para isso, o autor também diz que é importante considerar o momento histórico-social no qual o observador está inserido, o nível de consciência sobre o fenômeno que se apresenta e sua visão de mundo - repertório, cognitivo e sensorial. O contexto do jornalista vai afetar a sua subjetividade, o que, por sua vez, vai moldar a relação observação-observado-percebido e, como consequência, o texto final da notícia - do mesmo modo que o indivíduo é construído a partir das circunstâncias, sua conduta ética e profissional na produção jornalística é constituída de maneira consciente a partir desse quadro de referência.

2.2 Jornalismo Literário e a Guerra

Dentro desse contexto, as histórias do jornalismo literário e das coberturas de guerra andaram juntas, ambas desenvolvendo-se de maneira mútua e interligada. Analisando a evolução do jornalismo literário ao redor do mundo, o professor John Bak (2017) chegou a conclusão de que, na maioria das vezes, os jornalistas começam a praticar esse tipo de escrita quando suas nações estão em guerra - seja interna ou externa. Segundo o autor, a qualidade da escrita é utilizada para aliviar a dor infligida pelos acontecimentos durante um conflito, o que faz com que o jornalismo literário emergja como subproduto.

Podemos encontrar exemplos desse fenômeno em diversos países. No Brasil, isso se deu durante a Guerra de Canudos, no final do século XIX, que originou uma das primeiras produções de jornalismo literário do país - o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, correspondente d'O Estado de São Paulo durante o conflito. (Lima, 2016). Internacionalmente, podemos destacar uma série de casos. Na Primeira Guerra Mundial, foi realizado um proto-jornalismo literário a partir da publicação de cartas de soldados que deram baixa relatando a experiência da guerra (Bak, 2016). Já na China, a Segunda Guerra Sino-Japonesa serviu para reacender o gênero no país:

Embora a reportagem literária na China, *baogao wenxue*, tenha suas raízes no século XIX, a guerra efetivamente elevou a forma literária na década de 1930,

quando foi vista como um meio para expor os males sociais no país e incitar as pessoas a tomar medidas contra eles. [...] Depois do período de declínio, a reportagem chinesa voltou a encontrar sua alma e se preparou para recuperar o lugar entre os mais respeitados exemplos de letras chinesas. (Bak, 2017, p. 245)

Podemos também observar o período da Revolução Russa, no qual três importantes correspondentes ocidentais publicaram livros-reportagem sobre o conflito – o americano John Reed, do *The Masses*, e os ingleses Philips Price, do *Manchester Guardian*, e Arthur Ransome, do *London Daily News* (Camargo, 2021). Além disso, é importante salientar o momento pós-Segunda Guerra Mundial, quando o jornalista americano John Hersey lançou a reportagem *Hiroshima*, em 1945, na revista *The New Yorker* – um dos relatos mais famosos sobre os efeitos da bomba atômica no Japão e um dos textos mais importantes na história do jornalismo literário (Camargo, 2021). No posfácio da edição da brasileira de *Hiroshima*, Suzuki Jr. (2002) afirma:

Hiroshima é uma espécie de Cidadão Kane do jornalismo. Como o filme de Orson Welles, esse texto lidera todas as listas de ‘melhor reportagem’ já escrita. [...] Nenhuma outra reportagem na história do jornalismo teve a repercussão de Hiroshima. Os cerca de 300 mil exemplares da revista *The New Yorker* com a data de 31 de agosto de 1946 no cabeçalho esgotaram-se rapidamente nas bancas. O preço de capa era quinze cents, mas as cópias chegaram a ser vendidas entre quinze e vinte dólares. Do país todo e do estrangeiro chegavam à redação pedidos de autorização para a reimpressão da matéria [...] (Suzuki Jr, 2002, p. 161)

Anos depois desses conflitos mencionados, duas guerras em especial foram marcos importantes para o jornalismo de guerra, e a cobertura delas teve profundas consequências na maneira em que o esse tipo de jornalismo é produzido – e, como consequência, também o jornalismo literário dentro desse gênero. A primeira delas foi a Guerra do Vietnã, um conflito entre a República do Vietnã (Vietnã do Sul), apoiada pelos Estados Unidos, e a República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte); e a segunda foi a Guerra do Iraque, ou Terceira Guerra do Golfo, entre os Estados Unidos e o governo do então presidente Saddam Hussein - ambos conflitos que foram analisados nesse trabalho.

2.3 Guerras do Vietnã e Iraque na Mídia

Tanto a guerra do Vietnã quanto a guerra do Iraque representaram pontos de virada técnicos e ideológicos para o jornalismo. A origem do conflito no Vietnã pode ser ligada

diretamente a Guerra Fria e a disputa entre os sistemas capitalista e o comunista da época. Se relaciona, em especial, a política intervencionista dos Estados Unidos, que visava evitar um efeito dominó de propagação do comunismo em áreas de influência capitalista, como o Sudeste Asiático (Hadyniak, 2015). Mas, a guerra só começou de fato após a criação do Exército da República do Vietnã - totalmente treinado e armado pelos americanos - em 1954 (Westheider, 2007). Em 1965, os EUA mandaram as próprias tropas para o Vietnã e apenas em 1973, com os Acordos de Paz de País, os americanos se retiraram do país. Em 1975, as forças do Vietnã do Norte venceram os vietnamitas do Sul, e o fim da guerra foi marcado pela queda da cidade de Saigon (Ibidem).

Graças aos novos adventos tecnológicos, como a TV, que na época estava em plena expansão, a Guerra do Vietnã foi símbolo de uma nova fase do processo de midiatização mundial - ela é considerada a primeira guerra televisionada (Horten, 2011). Desse modo, a velocidade da transmissão de informações acelerou e, por consequência, a cobertura do conflito também ficou mais rápida (ibidem). Isso trouxe mais facilidade para o trabalho de correspondentes e, segundo Hadyniak (2015), jornalistas usaram essa oportunidade para cobrir os horrores da guerra diretamente da linha de frente. Grande parte dessa cobertura contradizia diretamente os relatos das autoridades militares americanas, as quais tentavam mostrar apenas o progresso do exército americano, e, com o conflito indo cada vez pior para os americanos, esse jornalismo ajudou a inspirar um sentimento anti-guerra na população dos Estados Unidos:

No caso da Guerra do Vietnã (1955-1975), o jornalismo foi repentina e avidamente empurrado para o seu auge, à medida que os correspondentes em todo o Vietnã corriam para a linha de frente enquanto o governo escrevia suas próprias histórias do relativo conforto de Saigon. O público americano rapidamente percebeu essa dicotomia [...] O movimento anti-guerra em larga escala motivado pela má gestão da guerra por parte do governo foi impulsionado principalmente pelo jornalismo. Além do mais, a cicatriz psicológica da Guerra do Vietnã deve-se ao jornalismo, pois esse é o aspecto mais enraizado na memória coletiva dos Estados Unidos.⁴ (Horten, 2011, p. 1)

⁴ Tradução livre do trecho: In the case of the Vietnam War (1955-1975), journalism was suddenly and eagerly pushed into its prime, as correspondents across Vietnam rushed to the front while the government wrote its own stories from the relative comfort of Saigon. The American public quickly “caught on” to this dichotomy (...). The large-scale anti-war movement fueled by the government’s poor operation of the war was fueled chiefly by journalism. What is more, the Vietnam War’s psychological scar has journalism to thank, as this is the aspect ingrained in America’s collective memory more than anything else.

A Guerra do Iraque foi um segundo momento marcante na história da cobertura jornalística porque ela representou outro ponto de virada para a mídia global - o início da era digital (Horten, 2011). Se, durante a Guerra do Vietnã, as tecnologias aceleraram a comunicação, na Guerra do Iraque elas tornaram a informação quase instantânea. O conflito oficialmente teve início no dia 20 de março de 2003, com a “Operação de Liberdade do Iraque”, uma invasão liderada pelos Estados Unidos contra o Partido Baath do governo de Saddam Hussein (Bassil, 2011). Segundo o governo dos EUA, a operação foi deflagrada por três motivos: primeiro, uma “luta contra o terrorismo” - havia acusações, já provadas infundadas, de que o Iraque apoiava o grupo al-Qaeda, responsáveis pelo ataque do 11 de setembro - segundo, a eliminação de armas de destruição em massa supostamente escondidas pelo Iraque - novamente, uma acusação provada falsa - e, em terceiro, a derrubada do regime ditatorial de Saddam Hussein para levar democracia e paz para a região (ibidem).

Após o fracasso da Guerra do Vietnã no que tange a apoio popular, o governo e, principalmente, o exército dos Estados Unidos buscou ter mais controle sobre as informações que saíam dos conflitos nos quais o país se envolveu (Camargo, 2021). No caso da Terceira Guerra do Golfo, a principal estratégia utilizada foi a incorporação de jornalistas às forças da coalizão – uma prática que não era nova, mas que dessa vez foi especificamente planejada pelo Pentágono com o objetivo de criar uma imagem positiva da campanha militar – o que, em grande parte, deu certo (Horten, 2011). Esse conflito foi, então, representou um novo status quo das coberturas de guerra envolvendo os Estados Unidos, que Camargo (2011) explica nos seguintes termos:

Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, há dois modos de cobrir uma guerra com envolvimento dos Estados Unidos: *embedded* (acompanhando as tropas) ou independente. Os jornalistas *embedded* têm a vantagem de usufruir da estrutura militar, porém ficam limitados ao código de conduta que o exército impuser; já os jornalistas independentes, ou unilaterais, podem circular livremente entre civis e entrevistar líderes, mas não estão sob proteção alguma. (Camargo, 2011, p. 55)

Tendo em vista essa conjuntura, esses dois momentos históricos representam uma virada de chave para os modos de produção do jornalismo de guerra, e também exemplificam a tensão entre jornalismo, paz, guerra e todos os atores envolvidos dentro deste contexto.

Capítulo III - A teoria na prática

A partir desses conceitos serão analisados a seguir dois livros de jornalismo literário que retratam ambos esses momentos marcantes da cobertura de guerra - *O Gosto da Guerra*, de José Hamilton Ribeiro, sobre a Guerra do Vietnã, e *A Queda de Bagdá*, de Jon Lee Anderson, sobre a Guerra do Iraque. O objetivo dessa avaliação é identificar os aspectos de jornalismo de paz presentes nessas obras, sejam eles acidentais ou propositais, e entender a maneira como eles se relacionam com o gênero literário e modo de produção desses livros.

Como dito anteriormente, o método escolhido para realizar essa pesquisa foi a análise de conteúdo dos textos, baseada no método elucidado por Wilson Corrêa da Fonseca Júnior. A análise feita foi principalmente qualitativa, utilizando o quadro de Galtung (imagem 1), o qual divide o jornalismo de paz em quatro escopos conceituais relacionados à orientação de uma determinada cobertura: *Peace/Conflict Oriented*, *Truth Oriented*, *People Oriented*, *Solution Oriented* - em português, Orientado para Paz/Conflito, Orientado para Verdade, Orientado para Pessoas, Orientado para Soluções. Com isso, foram identificados trechos de cada livro que permitem caracterizar as obras como representantes de cada orientação.

Além disso, seguindo o método Duarte (2010), foram utilizadas entrevistas em profundidade com os autores José Hamilton Ribeiro e Jon Lee Anderson. Essas entrevistas revelaram mais detalhadamente o processo de produção desses livros, e também elucidaram as intenções dos jornalistas ao escreverem os textos. A partir delas, foi possível complementar a análise textual da obra com visões sobre a realidade da prática jornalística no dia a dia e as impressões pessoais dos autores sobre as guerras e a busca pela paz.

3.1 O Gosto da Guerra

“Guerra é ruim, mas sem repórter é pior”

(Ribeiro, 2024, p.167)

A reportagem *O Gosto da Guerra* foi escrita pelo jornalista José Hamilton Ribeiro e publicada em 1968 nas páginas da revista brasileira Realidade, na edição 26, com o título “Eu

estive na guerra”. O livro saiu no ano seguinte, em 1969. Em 2024, ganhou uma versão revisada e ampliada, que também adicionou trechos da reportagem “A guerra é assim”, que saiu na edição 27 da revista *Realidade*. Para produzir esses textos, o repórter foi enviado como correspondente do veículo até a linha de frente da guerra do Vietnã, e ficou lá durante cerca de um mês. Segundo o próprio autor, o objetivo era conseguir “cobrir os dois lados do conflito” (Pedro, 2017). Apesar de ter tentado visitar o Vietnã do Norte, José Hamilton permaneceu apenas no Sul e entrevistou tanto a população civil quanto os militares da região. Mas, foi um momento em especial que fez essa reportagem se destacar no cenário do jornalismo brasileiro – no último dia planejado para a viagem, 20 de março de 1968, José Hamilton acompanhava soldados e enfermeiros em uma patrulha quando pisou em uma mina e perdeu a perna esquerda (Benício, 2024). A partir disso, surgiu uma narrativa tanto informativa quanto testemunhal, em que o narrador também é um personagem essencial para o contexto daquele conflito (Pedro, 2017).

E essa narrativa apresenta algumas características específicas que a tornam singular no universo do jornalismo. Primeiramente, é escrita em primeira pessoa. Além disso, o texto tem um estilo não linear e não obedece a uma ordem cronológica - a definição de personagens, cenas e contextos está intercalada por retrospectões temporais (Freitas, 2018). Ela também usa amplamente a ironia, em especial para “descascar o verniz da propaganda de guerra do governo americano” (Mello, 2024). Por fim, é moldada por uma série de personagens com quem Hamilton Ribeiro criou laços pessoais de trabalho e amizade – entre eles, o tradutor vietnamita Nguyen, que o acompanhou ao longo de quase toda a viagem se tornou um símbolo do Vietnã na memória do repórter; o fotógrafo japonês Shimamoto, amigo próximo de José Hamilton que morreu após os eventos do livro em um bombardeamento de um helicóptero; e as enfermeiras e feridos que o jornalista encontrou no hospital (Um dos... 2024).

Essas características ajudam a enquadrar o livro no campo do jornalismo literário. O texto não linear, em primeira pessoa e orientado pelos personagens - entre eles o próprio autor - representa uma clara quebra da narrativa jornalística tradicional e indica uma ampla utilização de técnicas literárias. Nesse contexto, a humanização também acaba sendo um aspecto definidor da obra, que possui diversos momentos que provocam empatia e identificação por parte do leitor para com as pessoas afetadas por aquela guerra. Já no primeiro capítulo podemos ver um exemplo disso - o autor conta a história de uma órfã recém-nascida chamada Ngá, filha de um

soldado americano com uma vietnamita de vida irregular - nas palavras do autor - que a abandonou. A menina representa uma típica vítima indireta do conflito:

Uma, chorando numa pequena rede, me chama atenção. É pequena demais. A diretora informa: Veja, tem um mês de vida, mas pesa apenas 1,6 quilogramas. Nós a chamamos de Ngá, que quer dizer marfim (o pessoal do asilo a chama assim porque há uma lenda que diz serem os vietnamitas capazes de fazer milagres com o marfim. Esperam que o nome haverá de salvá-la: um milagre para salvar Ngá). Pela prática que temos, sabemos que o pai dela deve ser americano: veja os olhos e a cor da pele. O número de crianças assim é cada vez maior (Ribeiro, 2024, p. 19)

Ainda que a aparição de Ngá seja breve, o destaque dado à criança gera uma conexão entre o leitor e a personagem, já que ela dá um rosto e um nome aos órfãos da guerra do Vietnã. Além disso, a esperança que os funcionários do asilo têm por um milagre para salvar a vida de Ngá a singulariza e humaniza em um contexto onde sua morte seria apenas mais um número na contagem de vítimas do conflito. Esse mesmo processo é repetido com diversos outros personagens - entre eles o próprio autor, que traz a sua subjetividade para o centro da narrativa a partir da utilização da primeira pessoa e descrição das próprias experiências e dificuldades na guerra. José Hamilton Ribeiro (2025) descreve esse processo em termos simples: “Eu fiz o meu papel de contar aquilo que eu via, que me admirava, que causava espanto. [...] O repórter vai no local ver as coisas representando o outro, e depois você tem que contar.”⁵

Esse formato de reportagem foi diretamente influenciado pelo veículo de publicação – a já mencionada revista Realidade. Ela esteve em circulação entre abril de 1966 e janeiro de 1976, publicada mensalmente pela Editora Abril (Barzotto, 1998). A publicação se propunha a apresentar a realidade do Brasil aos brasileiros através de reportagens longas e fotografias profissionais (Vieira & Leite, 2014). Ao longo da sua atuação, ela ficou conhecida por ter um estilo próprio e abordar assuntos considerados tabus na época (Weise, 2013). Os temas discutidos estavam diretamente atrelados ao período histórico-cultural do país – que passava pela ditadura militar – e serviam para situar o leitor nas problemáticas e contradições do seu tempo, atuando como uma das poucas vozes de manifestação na sociedade (Faro, 1999).

A estrutura da revista permitia com que jornalistas trabalhassem durante meses em uma só reportagem, e a equipe também tinha independência e autonomia para a realização das

⁵ Depoimento coletado por Eduardo Gomes a pedido da autora, em 14 de jan de 2025, via Google Meet

produções (Scalzo, 2003). Ainda que outras revistas como O Cruzeiro e Diretrizes fossem responsáveis pela consolidação da grande reportagem na imprensa brasileira, a Realidade expandiu esse gênero no país (Revista... 2020) e pode ser considerada o berço do jornalismo literário brasileiro (Weise, 2013). O próprio José Hamilton Ribeiro afirma que o ambiente de trabalho da revista estimulava a criatividade, e os repórteres tinham ampla liberdade para experimentar e propor pautas diferentes. Também, destacou a importância da equipe da Realidade para a produção das matérias:

A Revista Realidade teve a sorte e primazia de ter reunido uma equipe de jovens talentos. Eu, um jovem caipira como era e sou até hoje, me amparei com esses colegas mais experientes e inteligentes do que eu, que tinham muita generosidade de me ensinar e passar para mim as coisas que eu não sabia. (Ribeiro, 2025)

Agora, é preciso analisar se essas mesmas características discutidas também colocam *O Gosto da Guerra* no escopo do jornalismo de paz. Voltando ao quadro de Galtung (imagem 1), o jornalismo de paz pode ser dividido em quatro escopos conceituais relacionados à orientação de uma determinada cobertura: *Peace/Conflict Oriented*, *Truth Oriented*, *People Oriented*, *Solution Oriented* (Orientado para Paz/Conflito, Orientado para Verdade, Orientado para Pessoas, Orientado para Soluções, respectivamente).

No tangente ao primeiro escopo - *Peace/Conflict Oriented* - podemos encontrar vários pontos de convergência. A já mencionada humanização dos personagens cria uma narrativa onde os diversos atores que fazem parte desse conflito são ouvidos e compreendidos de maneira empática. Isso faz com que o escopo da guerra seja ampliado para além da ideia de nós vs. eles, e, assim, conseguimos entender que há uma miríade de grupos com diferentes problemas e objetivos dentro daquele contexto. O primeiro deles são os soldados americanos. O autor mostra os confortos de fazer parte do exército dos Estados Unidos - comida farta, assistência médica e dinheiro abundante no Vietnã - e também o lado brutal da instituição e das pessoas que deixaram grande parte do território vietnamita destruído. Mas, apresenta essa mesma figura do soldado americano com nuance, e revela as dificuldades enfrentadas nos Estados Unidos e os traumas sofridos durante a guerra. Por exemplo, o autor descreve os efeitos da doença *short time* - o medo que se manifesta em sintomas físicos, e afeta tanto soldados que chegam quanto aqueles

que estão indo embora. Mesmo os combatentes mais violentos são retratados de maneira humanizada, ainda que sem sanitizar as falas agressivas e crueis:

Tom fala muito em matar, em “ver os miolos” - é o único assunto que o empolga. [...] Às vezes, se trai. Quando, por exemplo, lhe pergunto o que faz do seu soldo: Deixo quase tudo nos Estados Unidos, só recebo trinta dólares por mês aqui. Quero ver se com essa economia arrango a vida da minha família, que tem estado com muita má sorte nos últimos tempos. [...] A guerra envenenou a alma de Tom. Seu caso não é mais de fuzil nem napalm (“a coisa mais sensacional que eu já vi”), diz ele, mas de tratamento mental. Talvez com camisa de força. Nem todos os 600 mil americanos no Vietnã, no entanto, estão como ele, pelo menos não ainda. (Ribeiro, 2024, p. 41-42)

José Hamilton até destaca, em especial, soldados negros, usados desproporcionalmente pelo exército na linha de frente e depois abandonados pelo Estado sem apoio contra o racismo dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos:

A porcentagem de soldados negros no Vietnã é agora (já foi bem maior) mais ou menos a mesma da população negra em relação à branca, nos Estados Unidos - 10% a 15%. Entre o pessoal que realmente combate na linha de frente, porém, a participação de negros cresce para o dobro: 30% [...] Eu veria depois, já nos Estados Unidos, que o drama do soldado negro não existe enquanto ele está no Vietnã (o Exército não é tolo para discriminá-lo ou diminuí-lo), mas quando ele volta para casa. [...] Volta para casa cheio de medalhas, de púrpura, de citações e de sonhos - é o próprio herói nacional. Na primeira esquina, entretanto, traduz o olhar de uma velhinha: Negro sujo! (Ribeiro, 2024, p. 41-42)

O segundo grupo tratado são os vietcongues. A representação deles é dificultada pela restrição física do jornalista, já que ele não conseguiu visitar o Vietnã do Norte. Ainda assim, o autor consegue mostrar a visão desse grupo guerrilheiro a partir da cena do seu encontro com um suposto vietcongue. Nessa conversa - chamada com uma certa ironia de “pregação” por José Hamilton Ribeiro, que mantém o senso crítico durante o momento - um homem explica os motivos pelos quais os vietnamitas estavam lutando, e ainda dá uma oferta de paz a estrangeiros ao oferecer chá ao jornalista.

Falou pouco, seguro, e depois não quis responder a nenhuma pergunta. Falou do mal que a ocupação estrangeira faz a um país e que o povo só é digno da sua terra quando luta por ela e sabe defendê-la. O povo vietnamita está lutando só por uma coisa: ser dono da sua casa, e livre, dentro dela. [...] Quanto ao chá, é para o senhor saber que não temos nada contra o estrangeiro. Todo

aquele que vier por bem será bem recebido pelo povo. (Ribeiro, 2024, p. 71-72)

Ao mesmo tempo que a aura de mistério e dúvida permanece ligada à figura do vietcongue no momento destacado e ao longo do livro, o autor consegue dar alguns *insights* sobre o modo de vida desse grupo. Ele destaca as dificuldades materiais da Frente de Libertação Nacional em relação ao exército americano - como o fato de que eles precisam lutar “até morrer porque os companheiros não têm hospital para onde levá-lo” e que os “miseráveis guerrilheiros” o fazem por necessidade (Ribeiro, 2024, p. 94) - e também traz para os holofotes algumas estruturas sociais estabelecidas nesse contexto - como o papel da mulher entre os vietcongues, que podia atuar como guerrilheira, no trabalho de propaganda, defesa, assistência médica ou educação de adultos. Mas, José Hamilton não esconde que, apesar de haver uma revolução no papel da mulher a partir das estruturas vietcongues, ainda há espaço para que o machismo e o moralismo prosperem dentro desse contexto - em especial ao contexto sexual da vida na guerra.

Em tudo, o vietcongue está revolucionando o papel da mulher na sociedade vietnamita, mas, num aspecto - o moralismo -, ele faz concessão aos costumes do Vietnã. Para participar da sua organização feminina, exige-se das jovens e das mulheres *um nome e um passado* limpos. Se elas, por um tempo, exerceram a tal profissão de vida fácil, precisam primeiro ser regeneradas; só depois, ser combatentes. Essa atitude moralista da Frente permite-lhe explorar amplamente, em benefício de sua propaganda, o nascimento de crianças de pais brancos e desconhecidos, tudo que se refere à vida sexual dos soldados inimigos, e até mesmo o fato de um dos maiores líderes do Sul - Cao Ky - gostar de mulheres e enjoar logo das que tem. A exortação moral em defesa da família é sempre tema dos discursos feitos aos elementos da liga feminina (Ribeiro, 2024, p. 122)

Ele também aponta as estratégias dos vietcongues de se misturarem com civis e até técnicas de milícia utilizadas pelos guerrilheiros:

A organização clandestina do vietcongue é fantástica. Veja o senhor, somos aqui quatro vietnamitas e nenhum garante que o outro não seja um guerrilheiro. [...] Numa de nossas fazendas, os empregados convivem normalmente com os guerrilheiros. E nós lhes pagamos os impostos e as taxas que eles cobram, para evitar represálias agora ou no futuro. (Ribeiro, 2024, p. 128)

O terceiro grupo de destaque descrito ao longo do livro são os civis vietnamitas - as verdadeiras vítimas daquele conflito e, por causa disso, as pessoas representadas com maior empatia no texto. Dentro dessa categoria, diversas classes são retratadas - os órfãos, as mulheres, os estudantes, os feridos, entre outros. Alguns personagens são mencionados por nome, e suas histórias são contadas mais a fundo: Do Hun Nan é um sextanista na faculdade de engenharia, e fala sobre o estado precário da educação superior no Vietnã e o efeito da guerra na vida dos estudantes, que é obrigado a se alistar e proibido de fazer manifestações. O jovem também defende uma solução pacífica para o conflito, com a criação de um governo onde todas as forças políticas sejam representadas. No hospital, o autor fala sobre duas crianças vítimas da violência na guerra - uma menina de 14 anos, Kim-Thien, que foi ferida em uma “operação de limpeza” americana e depois interrogada como vietcongue, e o bebê Van-Thanh, de seis anos, considerado o mascote do hospital, que está com a perna engessada e não consegue se movimentar sozinho:

Todos, funcionários e feridos, fazem de tudo para Van-Thanh se sentir bem, rir, brincar. Tem bom gênio, o Van-Thanh. Às vezes, entretanto, inexplicavelmente, cai num choro sentido, de horas e horas, sem que ninguém possa fazê-lo parar. Os pais e os irmãos de Van-Thanh morreram na guerra. (Ribeiro, 2024, p. 78-79)

É também a partir dessas pessoas que José Hamilton Ribeiro consegue descrever os efeitos invisíveis da violência na sociedade vietnamita. O autor dá destaque para as vítimas de consequências indiretas do conflito - como os já mencionados filhos abandonados de soldados americanos - e descreve como a guerra afeta toda a estrutura social e familiar do Vietnã:

O peso sobre a família vietnamita de mais ou menos 1 milhão de soldados estrangeiros - 600 mil americanos e mais uns 400 mil “aliados” da Coreia do Sul, da Tailândia, de Formosa, das Filipinas, muito bem armados de dólares - é enorme. Uma senhora em Saigon me disse que a instituição familiar do Vietnã está a ponto de desabar sob três fogos da guerra: a morte ou a deserção, para o filho; a vergonha e a prisão por furto ou contrabando, para o pai; e a prostituição, para a filha (Ribeiro, 2024, p. 39)

Nesse contexto, a pressão econômica da guerra sobre os nativos é um tema recorrente na obra. Enquanto a entrada maciça de dólares com a vinda de soldados americanos desregulou a economia local e exacerbou as desigualdades do país, a destruição da infraestrutura fez crescer

a população em situação de rua - que é retratada a partir das próprias impressões do autor. Ao falar sobre a periferia da cidade, ele afirma que famílias inteiras viviam debaixo de encerados de lona “fazendo a vida voltar às suas mais primitivas condições” (Ribeiro, 2024, p. 101). Já no hospital, José Hamilton consegue evidenciar traumas físicos e psicológicos tanto de soldados quanto de civis vietnamitas, os quais terão que viver com variados tipos de deficiências e distúrbios mentais pelo resto da vida como consequência direta do conflito. O próprio autor é um exemplo disso, já que ele também perdeu a perna durante a guerra, e, por causa das liberdades de um texto em primeira pessoa que destaca a subjetividade do narrador, ele é capaz de discorrer longamente sobre questões psicológicas e as dificuldades físicas que surgiram a partir desse acontecimento.

O autor também é extremamente crítico à guerra e às instituições militares que promovem o conflito, mas, não há um movimento tão forte para cobrir modos de prevenir a guerra ou mesmo para encontrar soluções criativas para ela:

Esta guerra é muito estúpida, não adianta ficar medindo a dor de um e do outro, importa é acabar logo com ela. [...] Esta guerra é errada demais. De um lado, vinte minutos para transportar um ferido do campo de batalha para o primeiro hospital (mais rápido do que em Nova York); do outro, o camarada lutando até morrer porque os companheiros não tem hospital para onde levá-los. (Ribeiro, 2024, p. 79-94)

O autor também critica o investimento econômico na máquina militar - 30 bilhões de dólares anuais por parte dos Estados Unidos, na época - e questiona outros usos para esse dinheiro. No livro, José Hamilton afirma que esse dinheiro representa nove vezes o orçamento anual do Brasil nos anos 1960, e que esse valor permitiria a construção de noventa cidades como Brasília.

E o que se consegue com essa fortuna toda no Vietnã? Queimar crianças com napalm? Destruir pontes de bambu? Matar elefantes? Desfolhar florestas? Salvar o mundo livre das guerras odientas do satanás vermelho? Ampliar o mercado para a General Motors e a Sears? E o que mais? (Ribeiro, 2024, p. 96)

O trecho acima representa uma das poucas vezes que o autor esclarece alguns dos motivos políticos e econômicos dessa guerra - mais um dos poucos pontos onde ele se afasta da

orientação *Peace/Conflict*. Com as retrospectões temporais, o livro tem espaço para explorar a história e cultura do Vietnã - como a colonização do país, relações com outros países asiáticos, a luta pela independência, tradições e conflitos religiosos, entre outros - mas, essa contextualização nem sempre se conecta de maneira clara com as causas e consequências da Guerra do Vietnã em si.

Analisando o segundo escopo do jornalismo de paz - *Truth Oriented* - é possível ver que a obra também segue essa orientação em diversos momentos. Utilizando-se do sarcasmo e acidez como ferramentas, o autor escancara contradições e hipocrisias do governo americano durante o conflito. A partir do seu relato, José Hamilton revela as mentiras que eram utilizadas para esconder ou justificar a violência do exército dos Estados Unidos no território. Todos os mortos em ataques eram dados como combatentes vietcongues, e os soldados americanos usavam a lógica de atirar primeiro e pensar depois durante as chamadas operações de limpeza em bairros vietnamitas.

Os mortos são todos rotulados de vietcongues. Não importa que entre eles haja uma velha de oitenta anos, um doente que estava preso à cama ou duas ou três crianças. É vietnamita, morreu de bala ou de bomba, está caracterizado: *vici*. [...] Em certas regiões do Vietnã, e conforme a hora do dia, é muito perigoso ter entre catorze e cinquenta anos. [...] Serão tratadas como inimigos até provar o contrário. E provar como? (Ribeiro, 2024, p. 65-66)

Em um momento do livro, o autor até enumera algumas das violências e crimes cometidos pelos americanos que foram registradas internacionalmente:

4. Neil Sheehan, do *The New York Times*, estudando o bombardeio indiscriminado de aldeias no Vietnã, chegou à conclusão de que muitos deles ocorriam por causa de dois fatores: a) as autoridades sul-vietnamitas os solicitam para “mostrar serviço”; b) os americanos os executam porque têm aviões e bombas demais. 5. Pilotos americanos descobriram que numa ilha perto de Hanói havia uma bateria antiaérea que, de vez em quando, disparava contra seus aviões. Promoveram tamanho bombardeio na ilha que ela afundou para sempre no oceano. Com gente, cavalo, cabrito, galinha - todo o que estava em cima. E todos gostam de citar, por aqui, as barbaridades e violências do vietcongue, quer contra americanos, quer contra sul-vietnamitas. (Ribeiro, 2024, p. 80)

Ele também revela a ampla corrupção que dominava as relações no Vietnã - grande parte delas relacionadas com a presença do exército americano no país. Segundo o autor, o suborno

para evitar alistamento no exército e revenda de produtos americanos a preços mais baixos no mercado negro eram práticas comuns no país - e tudo isso, muitas vezes, com ajuda e aval de integrantes do governo.

Um escritor batizou o fenômeno de “varíola verde” - doença social provocada pelo dólar fácil. A corrupção está em todos os escalões do governo. Uma partida de remédios enviada pelo Brasil como auxílio às vítimas da guerra acabou vendida a altos preços nas farmácias de Saigon. (Ribeiro, 2024, p. 23)

Além disso, o autor explica o esquema de corrupção envolvendo os cartões de *post of exchange* - *P.EX*: lojas militares dos americanos que vendiam os mais variados itens as pessoas em serviço no país - militar ou civil. Os preços dos produtos são baixos em razão da isenção de impostos nos Estados Unidos e no Vietnã, o que facilitava a revenda no mercado negro.

Como fonte de corrupção, o *P.EX* talvez só perca para o comércio de certificado de isenção militar, que custa 50 mil piastras cada (mais ou menos quatrocentos dólares) e é renovável anualmente. Não se contando, é claro, os negócios em grande escala no nível do governo. (Ribeiro, 2024, p. 136)

Em relação ao escopo *People Oriented*, podemos resgatar o já mencionado foco em crianças e mulheres nessa guerra para exemplificar como o livro segue essa orientação. O autor dedica um capítulo inteiro para falar sobre as experiências das mulheres na guerra (29 de Março; As mulheres da guerra). Ele descreve o assédio de soldados americanos sofrido por elas e a necessidade de muitas de se prostituir para sua subsistência. Além disso, fala sobre a posição secundária que a mulher tomava na família vietnamita - as solteiras sob o poder do pai e as casadas sob poder do marido - em razão do machismo estrutural daquela sociedade, que foi só exacerbado pelo conflito. E a questão das mulheres se relaciona diretamente com uma das principais questões que afetavam as crianças da época - filhos de prostitutas com americanos que eram abandonados à sua própria sorte no país. O livro explora órfãos da guerra de maneira geral - aqueles cujas famílias morreram em ataques americanos ou por outros motivos relacionados ao conflito - mas há um foco especial dado a essas crianças meio americanas. Além de Ngá, mencionada no início desse capítulo, José Hamilton também conta a história de outras que vivem um cenário parecido:

Um pedacinho de gente, atirada numa cama, é uma menina. Esta não deveria ter sido gerada. Está tudo errado com ela. Tem um mês de vida, mas pesa apenas 1060 gramas. Chora o tempo todo, não quer comer nem dormir. Seus pais morreram na guerra? Sim, a guerra os matou. A mãe, prostituta de Saigon - e isso quer dizer prostituta da guerra -, tomou drogas anticonceptivas para abortar, e não conseguiu, mas a menininha veio, por isso, fraca e doente. A mulher suportou-a um mês, mas, talvez porque precise trabalhar, um dia - aproveitando a chegada dos órfãos de guerra no asilo - levou-a e abandonou-a lá, entre outros. (Ribeiro, 2024, p. 100)

Não obstante, o autor também fala sobre a experiência de alguns idosos na guerra - em específico mães de soldados vietnamitas feridos a serviço dos EUA. De uma maneira sensível, José Hamilton Ribeiro descreve a vigília silenciosa que elas fazem sobre os filhos, e revela, no subtexto, a dor sofrida por essas mães.

A única maneira na qual o texto não se mostra *People Oriented* é no foco em pessoas que buscam a paz. Não há qualquer menção a verdadeiros esforços de paz para acabar com a guerra e começar a reconstrução do país - exceto a breve interação com o universitário já descrita. Isso também mostra que a obra não é *Solution Oriented*, já que ela não destaca iniciativas de paz, não mostra qualquer realidade fora do conflito e nem acompanha a reconstrução do país no pós-guerra. O livro revela muito bem os efeitos negativos da guerra em seus diversos escopos, desmascarando hipocrisias e levando em consideração todos os lados envolvidos, mas, a não-violência e a prevenção de conflitos não são temas explorados em nenhum momento n' *O Gosto da Guerra*. Dessa maneira, esse é o ponto que mais afasta o livro dos paradigmas do jornalismo de paz.

3.2 A Queda de Bagdá

“Um ano havia se passado, mas parecia que a cidade não havia realmente caído - ou talvez ainda estivesse caindo.”

(Anderson, 2004, p. 370)

O livro *A Queda de Bagdá*, escrito pelo jornalista Jon Lee Anderson, foi publicado em 2004 e detalha a cobertura que o repórter realizou no Iraque durante o regime de Saddam Hussein e posterior invasão dos EUA que derrubou o ditador, entre o final de 2002 até meados de 2004. Anderson foi enviado à Bagdá como correspondente da revista americana *The New Yorker*. Segundo o jornalista, ele propôs a viagem para a revista já nos anos 2000, em razão do

interesse sobre a figura de Saddam na época, e visitou o país antes, durante e depois da invasão americana ao país. (Anderson, 2025)⁶ Em razão dos deadlines semanais ao invés de diários, ele conseguiu explorar a capital a fundo e formar vínculos com um elenco diverso de iraquianos (Gargan, 2005). E, ao contrário dos cerca de 500 jornalistas que foram incorporados às forças armadas ocidentais para acompanhar a guerra em 2003 (Fronema, Swanepoel, 2004), Anderson atuou, na maior parte do tempo, de maneira independente e viveu o conflito junto com a população civil. Segundo o autor, ele não se sentia confortável com essa prática, mas houve um ponto do conflito no qual a situação ficou perigosa demais e, para permanecer na região, foi necessário ser incorporado às forças armadas americanas (Anderson, 2025). Mas, ele também destaca que estar incorporado ao exército não significa, necessariamente, uma produção jornalística ruim, e afirma que “algumas das coberturas mais críticas da atividade militar americana vieram de jornalistas incorporados.” (ibidem).

Apesar do livro ter sido construído a partir das experiências de Anderson como correspondente, *A Queda de Bagdá* não é um compilado das reportagens produzidas para a The New Yorker. Ele foi escrito depois e tem como foco não só a vida sob o regime de Saddam e o desenvolvimento da guerra, mas também a própria experiência de ser um jornalista trabalhando nesses eventos (Gargan, 2005).

Eu decidi escrever um livro sobre o Iraque, sobre a guerra que tomou conta de Bagdá e fez com que ela caísse, e, para isso, eu basicamente desmontei o trabalho que eu tinha feito até o momento. Eu voltei às minhas anotações iniciais e criei uma narrativa única a partir delas - das minhas anotações brutas e também de alguns artigos que eu havia feito. Então, há coisas que apareceram anteriormente, mas apresentadas de uma maneira diferente, ou personagens que apareceram em alguns dos meus artigos, mas agora eu escolhi uma nova estrutura narrativa para falar sobre a queda da cidade. [...] tinha a ver com a descoberta da sociedade deste lugar e o que aconteceu com ela. Tinha um começo, um meio e um fim. (Anderson, 2025)

A obra pode ser dividida em três partes principais. A primeira se passa antes da invasão dos Estados Unidos, na qual o autor se debruça sobre o dia a dia do Iraque de Saddam Hussein. Nessa, ele entrevista não só cidadãos comuns, mas também acadêmicos e autoridades do governo iraquiano, com o objetivo de descobrir as opiniões e expectativas de, até então, uma

⁶ Depoimento concedido à autora em 8 de ago de 2025, via Google Meet

possível guerra (Gargan, 2005). Ele também contextualiza o conflito dentro da história do Iraque. A segunda parte diz respeito ao momento da invasão dos EUA. Anderson descreve com detalhes os bombardeios e as dificuldades que enfrentou como jornalista dentro daquele contexto (Gargan, 2005). A terceira parte é sobre o momento após a queda de Bagdá, e o subsequente pânico generalizado e desorganização política que dominaram o Iraque por causa da invasão americana (Story, 2006).

O livro possui diversas características que o permitem classificar como uma obra de jornalismo literário. Assim como *O Gosto da Guerra*, ele é escrito em primeira pessoa e utiliza uma linguagem forte e extremamente literária para descrever Bagdá em todas as suas fases. A escrita dá ênfase às ambivalências da situação no Iraque e descreve com detalhes tanto os momentos de tragédia quanto os momentos cotidianos (Story, 2006). Já nas primeiras páginas do livro podemos ver um exemplo disso, com a cobertura do “Referendo de Lealdade” e subsequente libertação de todos os presos do país - exceto os acusados de espionagem. Cem por cento da população iraquiana teria votado sim para dar mais um mandato de sete anos para Saddam Hussein, e o autor acompanhou esse evento na cidade natal do ditador, Tikrit, “onde vira grupos de homens dançando e cantando “Sim, Sim, Sim a Saddam!” e depois cortando os polegares com lâminas de barbear a fim de imprimir com sangue seus votos de “sim” (Anderson, 2004, p. 2). Dois dias depois, Saddam libertou os presos como “recompensa” a população - e o repórter descreve com detalhes o que se tornou uma cena desesperadora para todos os envolvidos:

Fui correndo para Abu Ghraib, a maior e mais notória prisão do Iraque, perto da cidade de Faluja, e vi milhares de prisioneiros desorientados, alguns encarcerados havia muitos anos, saindo correndo daquele lugar horrível numa confusão de gritaria, tropeços, pessoas chorando em frenética procura pelos parentes. [...] Lá dentro, vi os blocos de celas ao longe, a várias centenas de metros do outro lado de um imenso espaço vazio de deserto, cheio de montes de terra e buracos. Os parentes precipitaram-se a toda velocidade por esse espaço, em diferentes direções, todos gritando e cantando. Gaiotas sobrevoavam em círculos no céu. Um fedor repulsivo pairava no ar. [...] Aqui e ali viam-se prisioneiros com aparência macilenta vestindo *dishdashas* e carregando trouxas de roupa, arrastando-se para os portões. Alguns vinham acompanhados por pessoas de aparência saudável, que deviam ser seus parentes, muitas das quais choravam, beijando-os e abraçando-os. Um homem passou por mim carregando um rapaz de aparência extenuada, talvez seu irmão, que parecia à beira da morte. (Anderson, 2004, pp. 3-4)

Ao longo do livro, a ambiguidade do dia a dia no Iraque é revelada de maneira mais sutil - mas, ainda assim, tão efetiva quanto nos momentos mais dramáticos - e trabalha com um subtexto que deve ser interpretado pelo leitor. Podemos analisar essa estratégia a partir de uma cena em especial, quando o repórter encontra uma das novas mesquitas de Saddam ainda em construção e precisa fingir que não a viu lá, em razão de uma possível retribuição por parte do governo:

Quando perguntei a Salaar se podia tirar uma foto do local, ele disse que não. Era contra as normas. Ninguém, acrescentou ele, podia fotografar a mesquita antes de ela ser concluída — nem sequer falar dela, alias. — Por favor, não insista — pediu. Incrédulo, perguntei: — Quer dizer que você e eu podemos vê-la, mas temos de fingir que ela não está aí? Salaar assentiu com um vigoroso movimento de cabeça, e pela expressão tensa em seu rosto vi que estava falando muito sério. (Anderson, 2004, p. 14)

No que diz respeito à temporalidade da narrativa, a história é cronológica, mas Anderson faz algumas pausas ao longo do texto para relembrar eventos que moldaram o Iraque como ele é hoje — como por exemplo, a ocupação britânica do país e os golpes de estado que a nação já enfrentou (Story, 2006). Como já mencionado, o livro é em primeira pessoa, então todos esses momentos são filtrados pelos olhos do autor, que chega no Iraque com sua própria bagagem de vivências e permite que sua subjetividade apareça na narrativa. E a escolha de enquadrar o livro sob essa ótica foi proposital, e pensada a partir da ética jornalística:

Se sinto que minha presença pode ajudar na narrativa ou ajudar o leitor a entender a situação que estou tentando contar, talvez com um diálogo que, se eu me retirasse, não poderíamos ter, então estou na história para essa função. Sabe, há momentos em que o tipo de coisa que faço é tão complexo que, a menos que eu me inclua, não consigo realmente contar. [...] Nesse caso, sabe, eu não podia me excluir do que estava acontecendo ao meu redor e, sabe, havia um grupo de pessoas que estava vivendo isso comigo e pensei: ok, devo passar pelo artifício de me excluir e a todos os outros jornalistas que estão ao meu redor da história ou devo contar como foi? Devo contar a história deles também? E eu pensei sobre isso, mas senti que nos excluir, o que também incluiria outros personagens que por acaso eram jornalistas, me parecia mais artificial. (Anderson, 2025)

O repórter também destaca que, apesar de ser americano, sua experiência vivendo em diversos outros países permitiu com que ele enxergasse o país com um “olhar de estrangeiro” e fosse capaz de analisar de maneira crítica a invasão dos Estados Unidos no Iraque exatamente por causa desse distanciamento - em provável oposição a um americano que nasceu e cresceu nos Estados Unidos.

E, novamente, eu entendo como os americanos são, não estou particularmente os julgando, da mesma forma que entendo os iraquianos. Claramente, tenho mais afinidade e entendimento com os americanos do que com os iraquianos, mas meu esforço é sempre tentar entender o outro como meu primeiro impulso, e não chegar e ver através dos olhos do meu país chegando a um lugar diferente. (Anderson, 2025)

Além disso, a obra tem alguns personagens chave que acompanham Jon Lee Anderson em Bagdá e retornam ao longo de toda a narrativa. O motorista iraquiano Sabah al-Taiee é uma presença constante, e ele se torna tanto um amigo quanto um guia para o jornalista, que enxerga muito de Bagdá pela perspectiva de Sabah. Mas, nenhum outro entrevistado foi tão central para a cobertura quanto o artista e doutor Ala Bashir – médico pessoal de Saddam Hussein (Gargan, 2005). Por meio dele, Anderson conseguiu entender o funcionamento paradoxal do regime – em que, como já foi mostrado nesse trabalho, a opressão era tão intensa que a população até fingia não ver prédios – na visão de alguém que estava completamente atrelado a ele (Gargan, 2005). Evidenciando essa dicotomia do Iraque de Saddam, Bashir acreditava que a tirania do ditador era um pré-requisito para sustentar o Estado, mas, ao mesmo tempo, ele também condenava o regime pela corrupção e dizia que Saddam deveria ser derrubado (Story, 2006). Apesar de terem menor destaque, outros grupos também são essenciais para o texto, como, por exemplo, refugiados iraquianos, outros civis em Bagdá, soldados americanos, jornalistas que foram até o Iraque cobrir a guerra e grupos de pacifistas que foram ao país para tentar impedir que o conflito acontecesse.

Essas pessoas mencionadas são alguns dos principais exemplos de como o autor é capaz de humanizar seus personagens a partir das nuances e complexidades das suas vidas - o que, para o leitor, os transforma em pessoas reais e cria uma empatia, mesmo quando suas escolhas são consideradas questionáveis. O cotidiano de Sabah é descrito com detalhes, assim como as particularidades da sua personalidade - ele fala uma versão pessoal do inglês, vai ao mesmo

barbeiro toda quinta-feira, tem um lugar de almoço preferido e deu uma festa de casamento para seu filho mais velho, a qual Anderson compareceu. O leitor termina o livro se sentindo tão próximo do motorista quanto o próprio autor. Mas, o momento mais forte desse personagem é quando ele desaba em lágrimas em frente ao repórter por causa do aniversário do seu irmão mais novo, Taher, que desapareceu durante a Guerra Irã-Iraque, 21 anos antes. Metonimicamente, essa conversa representa o quanto a opressão do regime de Saddam Hussein afetava o cidadão comum do Iraque, que não podia nem falar sobre seu luto em voz alta:

A família nunca recebera confirmação de sua morte, nem qualquer explicação sobre seu desaparecimento, explicou, mas ele tinha motivo para crer, por causa da atitude fria e indiferente das autoridades durante suas investigações, que Taher não morrera na guerra, e sim caíra em desgraça com Saddam. [...] — Onde está ele? — disse, num sussurro desconsolado, quando tentei reconfortá-lo. — Se estiver morto, ótimo, mas que eles nos digam — desabafou, a ninguém em particular. — Sad-dam — silvou devagar, por entre os dentes cerrados, como se articulasse o nome mais repugnante que conhecia. [...] Então respirou fundo e se recompôs. Empertigou-se e apressou-se a enxugar os olhos para remover quaisquer vestígios das lágrimas. Implorou-me para não falar no que acontecera, ou no que ele me dissera, a ninguém. Um momento depois, sem desconfiar de nada, Khalid reapareceu. (Anderson, 2004, p. 126-127)

O próprio autor destaca esse momento como muito representativo do modo de vida de muitos iraquianos que, mesmo sendo oprimidos pelo sistema, tinham que trabalhar em prol dele:

[...] esse momento em que ele desaba em lágrimas e o horror dessa descoberta, de saber que ele estava trabalhando para as pessoas que mataram seu irmão, o extremo, o absolutismo desse poder, dessa ditadura, me disse muito sobre Sabah, que eu já tinha, de certa forma, uma percepção intuitiva, sabe. Ele era um operador, ele tentou contornar o sistema, mas mais tarde, durante a invasão, ou talvez logo depois, ficou mais ou menos explícito que ele também havia informado o Mukhabarat, pois não havia como ele ter sido designado como meu motorista sem informar o Mukhabarat. [...] Mas esses tipos de relacionamentos, essas nuances de traição, confiança, amizade, duplicidade são essenciais para entender como as pessoas vivem ou têm que viver, se adaptar, se tornar cúmplices ou vítimas da ditadura e da tirania. (Anderson, 2025)

E a mesma coisa acontece com Ala Bashir. Mesmo o médico sendo um personagem muito mais controverso em razão da sua grande proximidade e também convivência com o regime de Saddam Hussein, o repórter o descreve com a mesma riqueza de detalhes e nuances. Além de ser médico e confidente do ditador, o leitor aprende que Ala Bashir também é um “destacado pintor e escultor” enraizado no surrealismo, que tem um humor filosófico e consegue ser extremamente crítico do regime do qual ele fazia parte (Anderson, 2025). Por exemplo, sobre as preparações para a invasão americana, o médico destacou a apatia da população e o esforço de coerção por parte do governo:

— O país inteiro, e até membros do Partido Baath, estão cansados e apáticos, como se não se importassem com o que está vindo, e estivessem resignados com o que quer que aconteça. Você precisa lembrar que todo iraquiano tem alguém da família na prisão, ou aqui ou no Irã, como prisioneiro de guerra. Ou então alguém da família foi morto em guerra ou pelo regime. [...] Bashir deu um de seus sorrisos meio enigmáticos. — Essa repressão deixou todo mundo passivo. O regime está ciente disso e é por isso que está colocando suas forças entre a população, como uma medida coercitiva. (Anderson, 2004, p. 126-127)

Mas, Anderson destaca que as críticas de Ala Bashir ao regime não o isentam da participação direta e indireta que ele teve nos crimes cometidos por Saddam Hussein:

Ele era alguém de uma posição social e econômica diferente, era educado, era indiscutivelmente um homem sensível, um esteta, um artista, e ainda assim trabalhava para esse tirano brutal. [...] ele me contou essa história em que Saddam o chamou para um de seus palácios, aquele com todos os lagos, e foi logo após a primeira Guerra do Golfo e antes do grande massacre dos xiitas no sul, e Saddam caminhava e caminhava com ele e estava com raiva e lhe contava o que estava prestes a fazer, que era massacrar os xiitas no sul. Quando percebi que era isso, juntei as datas e tudo mais, e ele disse que continuou falando, começou a falar como um artista sobre como o rosto de Saddam estava vermelho, sua voz estava furiosa, ele sabia o que ele queria dizer e tudo mais, e como o dia estava com um pouco de luz e trovões e coisas do tipo. E eu perguntei a ele: “Então, quando ele te disse isso, o que você fez?” Esse é o momento, certo? E ele disse que olhou para a orelha dele, ficou fascinado pela orelha dele, porque a luz brilhava através dela. O que o salvou foi sua sensibilidade artística. Naquele momento, entendi que Ala Bashir escolheu sobreviver e não discutir contra o que sabia que Saddam estava prestes a fazer, o que resultou na morte de cerca de 100 mil pessoas. (Anderson, 2025)

De maneira semelhante a *O Gosto da Guerra*, esse tipo de cobertura aprofundada só foi possível graças às liberdades dadas ao autor pela *The New Yorker* - um veículo expoente do

jornalismo literário nos Estados Unidos, casa de muitos grandes autores do Novo Jornalismo nos anos 1950 e 1960 e um dos locais onde o jornalismo literário permanece vivo no século XXI (Zdovc, 2004) . Segundo Anderson (2025), a revista era receptiva às sugestões de pauta, e permitia um tempo de produção bem mais longo do que no jornalismo do dia a dia - o autor afirma que, no Iraque, ele teve que trabalhar um pouco mais rápido, mas ainda assim isso significava a possibilidade de trabalhar em um determinado artigo por semanas:

Escrevi sete em cerca de quatro ou cinco meses, então, sabe, de algumas em algumas semanas. Foi assim no Iraque durante a preparação, durante a invasão e logo depois, e depois ficou menos frequente, mais como, sabe, uma ou duas vezes por ano, nesse ritmo por um tempo. (Anderson, 2025)

Levando tudo isso em consideração, é preciso analisar se essas características mencionadas ajudam a enquadrar o livro nos paradigmas do jornalismo de paz. Assim como foi feito com *O Gosto da Guerra*, serão utilizados os quatro escopos conceituais com os quais Galtung (imagem 1) divide o jornalismo de paz no que tange à orientação de uma determinada cobertura: *Peace/Conflict Oriented*, *Truth Oriented*, *People Oriented*, *Solution Oriented* (Orientado para Paz/Conflito, Orientado para Verdade, Orientado para Pessoas, Orientado para Soluções, respectivamente.)

Observando o primeiro escopo - *Peace/Conflict Oriented* - é possível perceber que o livro cumpre a maioria dos pontos necessários para ter esse tipo de orientação. Em primeiro lugar, o amplo escopo temporal da obra - tanto histórico quanto em relação ao pré e pós invasão - explora diferentes causas e consequências do conflito, e acaba com a ideia de que guerras são eventos isolados que começam e terminam em momentos específicos. O autor, inclusive, faz uma crítica específica a esse tipo de pensamento. Durante o início da administração americana no Iraque e após o “fim” do conflito oficializado pela mídia e pelo governo dos Estados Unidos - período no qual a desorganização e o caos tomou conta da cidade - ele afirma:

Durante várias semanas após a queda de Bagdá para os americanos, a cidade permaneceu suspensa num estranho limbo entre seu passado e seu futuro. Não houve um único momento definido de catarse nacional que significasse uma ruptura com o passado. A derrubada da estátua de Saddam na praça Fardous simbolizara muita coisa para as pessoas no exterior, e talvez sobretudo para os americanos que testemunharam o momento nas telas de televisão, e que acreditaram que ele assinalava o fim da guerra no Iraque. Mas para a maioria

dos iraquianos, que sabiam que o próprio Saddam evitara a captura e ainda era capaz de infligir grandes danos, o acontecimento fora um espetáculo secundário inteiramente irrelevante. Enquanto isso, eles eram obrigados a assistir, como espectadores passivos, ao saque e ao vandalismo em massa de sua capital. Seus libertadores americanos assistiam passivamente junto com eles. (Anderson, 2004, p. 307)

Há uma grande ênfase nas consequências da invasão, com a deterioração cada vez mais veloz de Bagdá sob o poder americano, que falhou em considerar as especificidades culturais e modos de vida dos iraquianos na hora de construir um ambiente de segurança para um governo transitório bem sucedido. Desse modo, a cultura do Iraque também é colocada como ponto central da narrativa e é revelada como essencial para compreender os rumos da guerra - o trauma coletivo da antiga invasão inglesa no território, que solidificou parte da “convicção de que os iraquianos não veriam de bom grado uma ocupação estrangeira” (ibidem, p. 92), o sectarismo que permeia a sociedade do país e a importância do islamismo na vida diária são alguns fatores que se transformam em pontos de tensão com os americanos, os quais não levaram isso em consideração.

Quase todos os problemas que os americanos encontraram lá, insistiu, resultavam de mal-entendidos culturais. Por exemplo, quando os soldados americanos ocuparam a escola de Faluja, que foi sua primeira base na cidade, explicou, puseram sentinelas no telhado. Isso enfurecera os homens locais, porque significava que os soldados podiam olhar para baixo e ver os pátios internos de suas casas e espiar suas esposas e filhas. — Você sabe que para um iraquiano tradicional, suas mulheres são a coisa mais sagrada — explicou Waleed. — Outro homem ver sua mulher dessa maneira é uma terrível desonra. Assim que começaram as matanças em Faluja, o ciclo de violência passara a ser difícil de conter. (Anderson, 2004, p. 322)

A obra também pinta um retrato histórico e geopolítico que permite que o leitor entenda tanto a ditadura de Saddam Hussein quanto o conflito que a sucedeu - o autor até afirma que é impossível compreender Saddam sem a história do país, já que “é um dos países mais antigos na Terra” e é “essencial apresentar pelo menos um pouco da história para proporcionar um entendimento moderno do lugar, porque isso influenciava os personagens dos quais eu estava falando.” (Anderson, 2025) O livro pincela desde tempos antigos até os dias atuais, dando destaque a alguns momentos de relevância especial, como a já mencionada invasão inglesa e a ascensão de Saddam ao poder:

Apesar da altiva tradição milenar do Iraque como “o berço da civilização humana”, e apesar de — alguns diriam devido a — sua imensa riqueza petrolífera e posição estratégica como o último Estado-tampão do Oriente Médio, seu povo jamais conhecera a democracia. Em 1932, quando os britânicos coloniais se retiraram do território refratário capturado 16 anos antes dos turcos otomanos, que o haviam governado durante os quatro séculos precedentes, deixaram para trás uma monarquia hachemita escolhida a dedo para tratar de seus interesses, que incluíam um papel controlador na inexperiente indústria petrolífera iraquiana. Mas em 1958 a família real do Iraque foi massacrada numa revolução antiocidental liderada por oficiais nacionalistas iraquianos. Em 1968, o regime por eles instalado foi, por sua vez, violentamente derrubado pelo Partido Socialista Árabe Baath, rebento iraquiano do ultranacionalista Partido Baath Pan-arábista, fundado na Síria na década de 1930. [...] Mas Saddam logo se transformou no verdadeiro homem forte do Iraque, e em 1979 dispensou completamente o primo e assumiu ele próprio o poder. (Anderson, 2004, p. 8-9)

Além disso, o repórter explora conflitos como a Guerra Irã-Iraque - a qual demonstra parte da animosidade entre esses dois países - as revoltas xiitas no Iraque - brutalmente reprimidas por Saddam Hussein ao longo dos anos, revelando para o leitor a opressão desse grupo religioso no regime - e a Guerra do Golfo - que contextualiza a relação entre o Iraque e os Estados Unidos e mostra a hipocrisia do ocidente, que, apesar dos crimes contra a humanidade de Saddam Hussein, não tinha interesse de depor o ditador na época:

Ainda me lembrava do profundo sentimento de vergonha que tivera, como americano, quando, após a derrota do Iraque na Guerra do Golfo, em 1991, o primeiro presidente Bush nada fizera para deter a chacina de dezenas de milhares de xiitas perpetrada por Saddam em represália a sua sublevação popular contra ele. Se houvera um momento em que a intervenção humanitária no Iraque se justificara, fora esse. Ou, aliás, dois anos antes, quando se soube que Saddam envenenava os curdos com gases. (Anderson, 2004, p. 21)

Em relação aos efeitos invisíveis da guerra, até Anderson se vê afetado por eles ao longo do livro. Um ponto de grande destaque é a tensão e estresse causados pelos bombardeios em Bagdá. No início, eles aconteciam quase exclusivamente à noite - o que impedia as pessoas de terem uma boa noite de sono e, por consequência, afetava profundamente o psicológico delas. Depois, eles eram diários, o que só piorava a situação da população civil. Ao longo do livro, é possível ver como esses traumas psicológicos acabam se tornando problemas físicos:

À medida que transcorriam os lentos dias de bombardeio, notei que muitas das pessoas à minha volta contraíam pequenos incômodos de saúde, como dores de cabeça e nas costas. Também sofriam perda de apetite, e comiam menos do

que antes. Os fumantes fumavam mais do que de hábito. Um funcionário do Ministério da Informação chamado Wali apareceu no trabalho certo dia com uma tala no pescoço e contraindo o rosto de dor. Todo mundo reclamava de esgotamento; ninguém, incluindo eu, estava dormindo muito mais de três ou quatro horas por noite. (Anderson, 2004, p. 218)

E alguns desses problemas eram mais severos do que outros, levando a situações de risco de vida para as vítimas:

Sabah chegou ao nosso quarto mais tarde do que de hábito, parecendo perturbado. Quando lhe perguntei qual era o problema, ele explicou que durante a noite uma de suas filhas casadas, que estava com três meses de gravidez, sofrera um aborto espontâneo e perdera a criança. Depois da grande explosão de bomba às onze da noite, entrara em choque e começara a ter hemorragia. Ao amanhecer, ele a levava para o hospital, onde lhe fizeram uma transfusão. [...] Sami, nosso novo acompanhante, era diabético. Descobri isso numa noite em que estávamos fora procurando um suposto bombardeio, com civis mortos, e ele entrou em um inoportuno estado de choque insulínico, que o deixou incapaz de falar ou compreender o que alguém lhe dizia. [...] ele estava se sentindo muito cansado. Era incapaz de conseguir dormir mais de três horas por noite devido aos bombardeios noturnos. Por causa do diabetes, precisava em geral de dez horas de sono. Encolheu os ombros. Não podia fazer nada, e era isso. (Anderson, 2004, p. 182 - 219)

Além disso, o autor descreve a disrupção do dia a dia da população de Bagdá - durante o conflito, ele mostra a vida interrompida da população, o comércio fechado, o aumento do preço de itens básicos e a destruição de parte da infraestrutura básica da cidade:

Metodicamente, a cada dia que passava, Bagdá se transformava numa cidade menos habitável que na véspera. Durante três noites, os americanos bombardearam instalações de telecomunicações de Bagdá, de forma meticulosa [...] No espaço de três dias, quase todos os telefones da capital deixaram de funcionar. (Anderson, 2004, p. 198)

Com a destruição repentina da maioria das estruturas que sustentavam aquela sociedade e a lentidão das forças americanas na hora de substituir esses sistemas, a insegurança também tomou conta de Bagdá - por um lado, saqueadores pilhavam a região e criminosos atuavam com impunidade enquanto, por outro, grupos lutavam para expulsar os americanos e preencher a lacuna de poder. Esses dois fatores geraram um ciclo de violência que levou à morte e ao sequestro de milhares de civis no Iraque - entre eles, diversos jornalistas estrangeiros e até o filho do motorista Sabah:

O Iraque era um lugar muito mais perigoso do que fora um ano antes. Os iraquianos haviam sido libertados da ditadura pela Operação Liberdade do Iraque, mas sua recém obtida liberdade não era algo que pudessem apreciar facilmente. Podiam agora manifestar opiniões, surfar na *web* e ver televisão por satélite, ler todos os jornais que quisessem e entrar no partido político de sua escolha (com exceção do Baath); mas agora, também, os terroristas e criminosos estavam livres para atacar à vontade, aparentemente a quem quisessem, quando e onde quisessem. [...] Quadrilhas de criminosos proliferavam e agiam com impunidade. O número de assassinatos e estupros subira vertiginosamente desde a queda de Bagdá, assim como os roubos de carros e sequestros. Muitas vezes as vítimas eram crianças. O filho caçula de Sabah, Ala, de 12 anos, fora sequestrado no começo do ano. [...] Ala estava indo a pé de casa para a escola com diversos amigos certa manhã, e alguns homens num carro haviam aparecido e levado o menino. Algumas horas depois, ele recebeu um telefonema anônimo de um homem exigindo 50 mil dólares se quisesse Ala vivo de volta. Era muito mais dinheiro do que ele algum dia poderia ter. (Anderson, 2004, p. 351-352)

Como já mencionado, a diversidade de personagens da obra também permite com que os vários grupos que fazem parte desse conflito sejam representados de maneira aprofundada e empática, revelando seus desejos, objetivos e opiniões sobre a guerra e escapando da ideia de nós vs. eles. Segundo o autor, o objetivo da obra era exatamente esse - permitir com que o leitor entendesse os personagens de maneira profunda, além de elucidar as nuances e complexidades tanto da vida durante a ditadura de Saddam quanto durante a invasão:

É simplesmente algo muito humano, e acho que é útil para as pessoas verem como outros vivem e como se tornam parte de um sistema terrível, porque é algo que já vimos várias e várias vezes, sabe. E é terrível quando muitas pessoas se tornam parte de um sistema terrível que, em algum nível, elas sabem que é terrível e, ainda assim, por diversas razões, medo do perigo, risco para suas famílias, perda de privilégios, dinheiro, conforto etc., elas escolhem fazer parte dele. Então, senti que estava contando uma história muito humana e também, espero, lançando uma luz sobre um lugar que, sabe, é fácil para nós. (Anderson, 2025)

Neste trabalho, não serão analisados todos os grupos representados no livro, mas apenas aqueles considerados de mais destaque. Anderson representa, primeiramente, os membros do governo de Saddam Hussein de uma maneira complexa e bem aprofundada, sem sanitizar a responsabilidade deles dentro de um regime assassino, mas ainda elucidando todas as nuances das vidas dessas pessoas. Um dos principais exemplos disso é o próprio Ala Bashir, que é a figura do regime mais bem desenvolvida ao longo do livro, como já demonstrado neste trabalho. Ademais, outros também ganham destaque, como o ministro das Relações Exteriores, Naji

Sabri al-Hadithi, que, segundo o autor, “era uma das mais enigmáticas personalidades do regime de Saddam” (Anderson, 2004, p.131). Antes de assumir o cargo de ministro, Anderson afirma que ele era encantador e culto, com uma reputação de moderação e franqueza e, depois, se tornou publicamente arrogante e agressivo contra o Ocidente. Mas, o detalhe mais crucial para compreender Sabri e sua relação com o regime está no fato de que um dos seus irmãos fora executado por Saddam - e esse fato pauta muito do seu comportamento na vida pública Iraquiana:

Bashir confirmou o rumor sobre a execução do irmão de Sabri — atribuindo-a vagamente a “um problema do Partido Baath” — e sugeriu que o comportamento recente de Sabri era uma tentativa de mostrar a Saddam que não havia ressentimento algum. — Essa talvez seja a maneira de Naji mostrar a Saddam que sua lealdade a ele é maior que qualquer coisa que pudesse sentir sobre o assassinato do irmão — especulou Bashir. Por que Sabri continuara a servir a Saddam, para começar, Bashir não sabia, mas indicou que muitas altas autoridades do Iraque eram reféns virtuais, e sugeriu que esse poderia ser o caso de Sabri. Era um costume de longa data, comentou, o fato de sempre que as autoridades superiores de Saddam viajavam pelo estrangeiro as famílias fossem obrigadas a ficar no Iraque, para evitar deserções. (Anderson, 2004, p. 132-133)

E não são só as altas autoridades do regime que são analisadas sob uma lente mais crítica - até o próprio Saddam Hussein, ditador brutal e criminoso de guerra, é examinado com profundidade, já que o repórter “não queria de forma alguma apresentar Saddam de forma bajuladora” e “estava muito, muito ciente de quem ele era e também fascinado por ele de certa forma” (Anderson, 2025). Como o autor nunca entra em contato direto com Saddam, entendemos o ditador a partir das perspectivas de outras pessoas, e essas opiniões variam desde as mais extremas até as mais moderadas. Por um lado, temos as vítimas da opressão de Saddam, onde há um misto de medo, obediência e revolta contra o líder iraquiano. Como já mencionado anteriormente, essas vítimas são, em geral, os civis iraquianos comuns, mas também incluem funcionários do regime. Aqui, é possível ver a crueldade do ditador. Por outro lado, temos a visão de confidentes e amigos de Saddam - nesse caso, especificamente, Ala Bashir. Por causa da proximidade e até camaradagem entre o médico e o ditador, Ala tinha uma visão muito mais branda de Saddam, e tentava conciliar essa visão do líder com as ações autoritárias cometidas por ele:

— Para ser franco, acho que ele foi uma vítima de si mesmo e das pessoas que o cercavam. Ele é igual a qualquer outro ser humano. Tem algumas coisas boas e outras más. Penso que depende das circunstâncias e do ambiente que fazem essas características se manifestarem mais de um jeito ou do outro. Acho que seu erro fatal foi permitir o poder supremo que conquistara superar todas as coisas boas que existiam em seu íntimo. [...] — Às vezes eu pensava comigo mesmo: “Ele é um criminoso”, e tinha um diálogo comigo mesmo: “Será este o mesmo homem que faz essas coisas?” Concluí que ele devia ter dupla personalidade... Um dia ele me pediu que eu tratasse de um menino queimado que lhe fora trazido em busca de ajuda pela mãe. Era uma queimadura antiga, no rosto, que o deixara horivelmente desfigurado. Então ele me chamou e, descrevendo o menino, perguntou-me o que eu poderia fazer por ele. E começou a chorar. Verdade! Pegou lenços de papel e enxugou o rosto. Estava chorando de verdade. (Anderson, 2004, p. 291-292)

No trecho acima, um lado mais humano do presidente é mostrado, o que permite com que o leitor compreenda que ditadores - antes pessoas comuns - não surgem em um vácuo histórico e social, mas são construídos.

O segundo grupo de destaque são os soldados americanos. Como n’*O Gosto da Guerra*, o autor não suaviza os erros do exército dos Estados Unidos na *Queda de Bagdá* - ele aborda amplamente o desrespeito contra a população do Iraque, ações militares que levaram a mortes indiscriminadas e outros crimes de guerra cometidos por essas pessoas. Ainda assim, também é possível enxergar o lado humano desses soldados, cuja grande maioria eram de jovens que não foram suficientemente orientados sobre o país o qual estavam invadindo e que queriam, acima de tudo, voltar para casa. Anderson fala com vários personagens desse perfil e consegue revelar, a partir dessas conversas, tanto o lado violento quanto o lado empático dessas pessoas. Um exemplo são dois cabos que o autor encontra na Cidade de Saddam: Jim Higareda, de 23 anos, e Pete Regan, de 22, cujo pai bombeiro morrera no 11 de setembro, eram mantidos no completo escuro por seus oficiais e não tinham nem noção de onde estavam:

— Chegamos pelo leste, atravessamos uma merda militar abandonada, e simplesmente nos largaram aqui. — Perguntei-lhe o que queria dizer com “nos largaram aqui”. Ele apontou com a cabeça para os vários Veículos Blindados Leves de transporte de pessoal ali perto, e explicou que cada um levava uns 21 fuzileiros navais, que se sentavam ali e nunca sabiam aonde estavam indo, só os comandantes e os pilotos sabiam; e fora assim nessa manhã. Em um minuto estavam na entrada de Bagdá, à noite, e então a rampa da carreta se abriu e agora ali estavam eles, naquele cruzamento na periferia da Cidade de Saddam. Vinham-se deslocando daquela maneira desde o Kuwait durante as últimas três semanas. Perguntei-lhe o que haviam achado do Iraque até então. Pete Regan sorriu e disse: — E um monte de lixo, um pé no saco. [...] Os dois não viam a hora de voltar para casa. Nenhum deles conseguira falar com as

famílias desde fevereiro, viviam em grande movimento e atividade. (Anderson, 2004, p. 250)

Anderson também conversa com o especialista Travis Wilhelm, um homem de 26 anos, parte de uma unidade que ficou meses no Iraque. No início, Wilhelm se vangloria das mortes causadas por ele e seus companheiros na região. Mas, logo em seguida, fala sobre suas esperanças de entrar em uma faculdade para estudar relações internacionais, patrocinado pelo exército:

Wilhelm apontou para uma espécie de guincho no corpo do veículo e disse que era a base de um lançador de morteiro. Eles o haviam removido porque não precisavam realmente de um morteiro em Faluja, onde na maior parte apenas faziam patrulhas. Mas o tinham usado muito durante a guerra, disse, e depois acrescentou, orgulhoso: — Faturamos duzentos mortos com ele. Perguntei se ele se referia a veículos ou a pessoas. — Pessoas — esclareceu ele com ênfase, sorrindo da minha ignorância. [...] Suas experiências no Iraque haviam-no deixado mais curioso sobre as questões mundiais, disse. Quando acabasse seu serviço, esperava ir para a Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill e estudar relações internacionais. O governo pagaria a conta, já que uma lei garante estudos gratuitos aos ex-combatentes. Perguntei-lhe o que esperava fazer quando se formasse. — Eu estava pensando em tentar a CIA — disse, sorrindo. — Ou talvez eu queira ser embaixador um dia. Mas suponho que esteja dando um passo maior do que a perna. Quem sabe? (Anderson, 2004, p. 333-334)

Durante entrevista concedida, Anderson afirmou que esse tipo de comportamento não é algo isolado, mas sim um problema sistêmico nos Estados Unidos, onde as ideias de “libertar” e “trazer a democracia” são utilizadas como armas políticas para dar espaço a guerras e o país não aprende com os erros da própria história porque a população não a conhece:

E acho que essa mesma ingenuidade e idealismo, que foram inculcados como parte do nacionalismo americano, é algo que vimos se repetir mais de uma vez no cenário mundial em intervenções no exterior, porque os americanos dizem a si mesmos: “estamos apenas salvando a democracia”, sabe, somos uma força do bem, mas eles estão fazendo coisas terríveis e não aprenderam com o passado. E o que eu estava vendo no Iraque era quase inacreditável, que eles não tinham conhecimento, em alguns casos, de onde estavam, da história do país, os soldados mais jovens nem sabiam sobre o Vietnã, eles reinventaram o termo “corações e mentes” como se tivessem inventado. Não completamente inconscientes de que isso era algo que eles haviam tentado fazer e falhado 40 anos atrás no Vietnã. Então, é por isso que, sabe, a última frase do livro, se não me engano é: “Bagdá caiu, mas nunca caiu de verdade.” E a mesma coisa aconteceu no Afeganistão. Então, novamente, é esse tipo de projeção deliberada em um cenário estranho que, eu acho, permitiu, sabe, que o poder

absoluto do material militar, o poder de fogo superior, o dinheiro, todas essas coisas que eles trazem com eles, pudessem parecer alterar a situação por um tempo. Mas, no final, eles estão apenas dando passos em falso na superfície. E foi isso que eles fizeram no Iraque. (Anderson, 2025)

E um terceiro grupo que podemos destacar são os próprios civis iraquianos - as principais vítimas de todo esse conflito. Como já mencionado, o motorista Sabah é um importante representante desse grupo, e, a partir dele, o leitor consegue entender a opinião do iraquiano médio tanto sobre o regime quanto sobre a invasão americana. Sabah é crítico de ambos e, ao longo do livro, vemos como esses dois dificultam e prejudicam sua vida diária. Mas, ele não é o único personagem que reflete a visão dos civis. Anderson conversa com vários iraquianos comuns que revelam um pouco da realidade do conflito - uma realidade paradoxal, que unia em um mesmo povo tanto a contentamento pela queda de Saddam Hussein quanto a revolta pela invasão americana. O engenheiro Mouayed al-Muslih explica essa ambiguidade para o repórter, destacando também que não existe nenhum problema fundamental entre iraquianos e americanos - a violência que transforma a relação entre os dois povos:

Muslih disse que a maioria dos iraquianos ficara satisfeita com a derrubada de Saddam pelos americanos, e tivera expectativas melhores quanto ao que viria em seguida. Havia sofrido uma amarga decepção, explicou. — Amanhã, 9 de abril, é o aniversário da queda de Bagdá, mas agora, você sabe, todos veem isso como a data que marca o começo da libertação do Iraque. — Percebi que Muslih falava da libertação da ocupação americana, numa inversão da linguagem usada pelo presidente Bush para se referir ao papel dos EUA no Iraque. Muslih continuou: — Os iraquianos não têm nada contra o povo americano ou a sua cultura, sabe, mas não querem ser humilhados por soldados americanos. [...] Todos nós queríamos mudança e as coisas boas dos Estados Unidos. Mas os americanos nos mostraram sua face má. Aqui estamos nós, você e eu. Eu sou iraquiano, e você é americano, e podemos falar um com o outro. Não há nenhuma diferença entre nós. Mas não ponha uma arma na minha cara. [...] Acredite quando digo que a maioria dos iraquianos quer a liberdade e a democracia. Eles querem educação e saúde. E querem relações com os americanos, mas enquanto estes não se comportarem de forma correta, haverá problemas entre nós. (Anderson, 2004, p. 365 - 366)

E, em grande parte por meio dos depoimentos desses civis, o livro também representa o conflito como um problema, e condena a guerra e o derramamento de sangue provocado por ela:

— Chamava-se Abu Sayaff; era meu amigo. — Ficamos calados por um longo momento, eu balançando a cabeça em solidariedade e absorvendo essa

informação. Muyad quebrou o silêncio: — Bush e Blair... Eles disseram que seria uma guerra limpa. — Sorri hesitante. Esperei que continuasse. — Isto não é limpo — disse. — Isto é sujo; uma guerra suja. Ainda sorria. Então me perguntou de onde eu era. — Estados Unidos — falei. Ele se virou um momento e então se voltou para mim, dizendo: — Bem-vindo. — Eu lhe disse que sentia muito o que acontecera. Muyad disse: — Não, não sinta muito. Não é o povo americano, nós sabemos. A maioria deles é contra esta guerra, sabemos disso. (Anderson, 2004, p. 193 - 194)

Adicionalmente, há uma forte orientação *Truth Oriented*, e o livro revela tanto a crueldade do regime iraquiano quanto a irresponsabilidade da invasão americana no território do país. A primeira parte do livro se debruça, principalmente, sobre o grau de opressão sofrido pelos iraquianos dentro do regime de Saddam Hussein - e, em especial, as prisões arbitrárias, assassinatos de opositores, desaparecimentos não explicados e a censura governamental que se transformava em auto-censura por medo das consequências. Mais de uma vez, somos apresentados a cidadãos comuns que estão sob esse “eloquentemente mortal manto de silêncio” (Anderson, 2004, p.7) e só se permitem dizer o que realmente pensam a partir de meias palavras em momentos fugazes da narrativa. Um desses foi durante um encontro com um jovem vendedor em um bazar na cidade:

— Então, o sistema americano é igual ao do Iraque! — Contorceu as sobrancelhas teatralmente. — Aqui no Iraque... — Calou-se, estendendo os braços diante de si, com os pulsos juntos, como se estivesse algemado, e sacudiu então um dos braços num violento movimento de surra. Curvando-se e pondo a boca perto da minha orelha, silvou: — Mukhabarat — referindo-se a polícia secreta onipresente do serviço de inteligência do Iraque, e tornou a recostar-se na cadeira. [...] Os iraquianos respeitavam cuidadosamente um conjunto de regras relativas ao que se podia ou não dizer sobre o presidente e sua família. Algumas das regras eram auto-impostas, mas outras eram oficiais. (Anderson, 2004, p. 8-12)

Esse tipo de ambiente onde a censura é lei estatal e a autocensura é quase permanente também dificultou o trabalho de Anderson no Iraque, já que ele tinha que ser muito cauteloso ao falar com as pessoas, tanto para a segurança das suas fontes quanto para sua própria:

Tive que ter muito cuidado ao me encontrar com pessoas que eram críticas porque isso era quase impossível no Iraque. Saddam havia decretado recentemente a punição de amputação da língua para qualquer pessoa que falasse mal dele ou de seus familiares. Ele era como um tirano em escala bíblica por causa disso. (Anderson, 2025)

Anderson também mostra como essa censura se dava de maneira oficial com a mídia nacional e também estrangeira. Por exemplo, durante o conflito, os movimentos de jornalistas eram estritamente controlados pelo Ministério da Informação, que buscava esconder o avanço americano por meio de omissões e mentiras - às vezes descaradas. Em um momento do livro, os jornalistas são levados em uma excursão para ver um tanque americano destruído na cidade. O governo afirma que o exército de Saddam Hussein havia bombardeado o veículo, mas, na verdade, foram os próprios americanos que destruíram o tanque avariado para que não caísse nas mãos dos iraquianos. Segundo o autor, os comunicados oficiais do governo eram “um muro de negações e cortinas de fumaça em torno do que realmente vinha ocorrendo” (Anderson, 2004, p. 228) e buscavam sempre exaltar o poder de Saddam Hussein e o suposto amor que o povo tinha por ele.

Em relação à atuação desse regime no próprio conflito, o repórter revela, por meio de fontes como Ala Bashir, que uma das principais estratégias do ditador era de colocar os civis iraquianos em maior risco possível para angariar apoio da opinião pública internacional em favor do Iraque e contra os Estados Unidos - e, possivelmente, acabar com a invasão por meio desse crime de guerra.

[...] começaram a por baterias de defesa antiaérea nos telhados dos hospitais — acrescentou. Haviam-lhe dito que fariam isso em seu hospital também. Bashir balançou a cabeça furioso. Estava muito chateado, porque a única explicação possível para colocar tropas em áreas civis e armas de defesa antiaérea em telhados de hospitais era provocar o número máximo de vítimas civis. [...] O líder do Iraque, disse, parecia haver adotado uma estratégia de sobrevivência que envolvia o máximo de derramamento de sangue. Pondo suas forças militares em aldeias e cidades, ele tentava atrair as forças da coalizão a situações onde, para avançar, os americanos e britânicos seriam obrigados a matar tantos civis iraquianos que a guerra se tornaria insustentável e um clamor internacional os forçaria a parar. (Anderson, 2004, p. 119-187)

A corrupção dentro do governo iraquiano também é um aspecto amplamente discutido na obra. O autor destaca diversas experiências pessoais com suborno de autoridades, e também revela esquemas de nepotismo e desvio de dinheiro a nível federal. Um exemplo desses é a atuação do filho de Saddam Hussein, Udai Hussein, no governo, que já roubou um hospital inteiro do governo para ganhar dinheiro a partir do uso privado do espaço. Outro exemplo, em menor escala, eram os constantes subornos que jornalistas tinham que pagar a autoridades iraquianas para conseguirem trabalhar no país:

Num incidente que logo se transformou em piada de repreensão para os demais, um jornalista da televisão coreana, à espera da extensão de seu visto, ofereceu um maço de notas de 100 dólares ao vice-ministro da Informação, Udai al-Taiee. Depois que o coreano lhe estendeu o dinheiro, consta que al-Taiee teve um furioso ataque de gritos, atirou os dólares de volta ao infeliz correspondente e ordenou que ele fosse imediatamente retirado do Iraque. O erro do coreano, é evidente, fora apresentar o dinheiro na presença do assistente de al-Taiee. Ele não se enganara ao achar que al-Taiee receberia um suborno, mas não havia respeitado o protocolo. (Anderson, 2004, p. 119-187)

Em relação aos americanos e à força de coalizão, o autor destaca a já mencionada hipocrisia desses grupos no que tange à invasão do Iraque. A principal justificativa para a operação era depor Saddam Hussein em razão de seus crimes contra a humanidade e das supostas armas de destruição em massa que o ditador tinha. Mas, não só essas armas nunca foram encontradas no Iraque como também o Ocidente já poderia ter deposto Saddam Hussein em diversas outras oportunidades mas preferiram ser coniventes com o regime por diversos motivos, como evitar o avanço do Irã na região. Desse modo, a narrativa disseminada por esses países de que essa era uma guerra pela libertação do Iraque e pela instituição de uma democracia iraquiana foi uma base falaciosa para dar início ao conflito.

Apesar de toda a prolongada conversa no Ocidente sobre as armas ilegais de destruição em massa de Saddam, nenhum povo sofrera mais com aquelas armas do que os iranianos durante a guerra de 1980-1988. Muito antes do infame uso do gás venenoso por Saddam na cidade curda de Halabja, em 1988, quando 5 mil civis foram mortos num único dia, seus comandantes haviam empregado armas químicas dezenas de vezes contra as tropas iranianas, matando e mutilando incontáveis milhares de soldados. Porém, naqueles dias, quase todos os crimes de guerra de Saddam haviam sido ignorados pelas potências ocidentais, que temiam a disseminação da influência de Khomeini na região, e a maioria, incluindo a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, havia na verdade abastecido Saddam com o arsenal de armas, inteligência e *know-how* de que ele dependia para travar a guerra. (Anderson, 2004, p. 331)

Anderson também fala sobre alguns dos crimes de guerra cometidos pelos Estados Unidos durante a invasão, entre eles, os maus-tratos e humilhações sexuais de prisioneiros iraquianos cometidos por soldados americanos na prisão Abu Ghraib, descobertos por meio de fotos das torturas divulgadas ao público em abril de 2004, e ataques que miraram bases de operações de jornalistas nas ofensivas de 8 de abril de 2003. As dependências da rede Al Jazeera, da televisão Abu Dhabi e o Hotel Palestine, o qual era basicamente um quartel-general

para centenas de jornalistas estrangeiros, foram alvos de ataques no mesmo dia, deixando dezenas de feridos e três jornalistas mortos - o correspondente da Al Jazeera, Tareq Ayoub, e os operadores de câmera da Reuters, Taras Protsyuk, e da Telecinco, José Couso.

Mais tarde, soubemos que de fato o hotel fora atingido por um projétil disparado por um dos tanques na ponte Jumburiya. Os americanos acharam que estivessem sendo atacados por um franco-atirador localizado no Palestine, e disseram que não tinham a menor idéia de que havia jornalistas no hotel. Ninguém no Palestine acreditou que isso fosse verdade. [...] Um dos repórteres começou a nos explicar que antes da guerra a Al Jazeera fornecera ao Comando Central Americano a localização exata de seus escritórios em Bagdá, e recebera a garantia do Pentágono de que eles não seriam alvejados. A rede tomara essa precaução, explicou, porque durante a guerra no Afeganistão os americanos haviam bombardeado o escritório da Al Jazeera em Cabul. Ele começou a falar sobre seu amigo, Tareq Ayoub, mas caiu em prantos e se afastou. (Anderson, 2004, p. 241-243)

Por fim, o repórter descreve com detalhes o completo desastre que foi a ocupação dos Estados Unidos no Iraque, em razão de uma falta de responsabilidade, de planejamento e de conhecimento sobre os iraquianos por parte tanto das autoridades americanas quanto das tropas enviadas para a linha de frente. Como já mencionado, Bagdá e o Iraque como um todo descenderam em uma espiral de violência estimulada pela desorganização do governo dos EUA no território e por um sentimento anti-americano e anti-ocupação que se alastrava cada vez mais intensamente no país.

Então, no decorrer de vários dias no final de abril, logo depois que parti, soldados americanos haviam disparado suas armas em multidões de manifestantes, matando pelo menos 17 deles. As mortes, que ocorreram em Faluja, uma cidade sem aspectos marcantes de 20 mil habitantes, 80 quilômetros a oeste de Bagdá, acabaram sendo um histórico divisor de águas. Atacantes iraquianos retaliaram, matando dois americanos e ferindo outros em sucessivas investidas. Ao mesmo tempo, a violência logo se espalhou por outras cidades a norte e oeste de Bagdá, por toda a área muçulmana de predominância sunita conhecida como o Triângulo Sunita, e na própria Bagdá. No final da primavera, já se tornava claro que os americanos enfrentavam no Iraque uma revolta de guerrilha cada vez mais intensa, frustrando seus ambiciosos planos para remodelar o país num Estado democrático amigável. (Anderson, 2004, p. 315)

O livro mostra que, enquanto o governo dos Estados Unidos tentava exibir uma imagem de controle e construção da democracia no Iraque, os confrontos entre as forças de ocupação e rebeldes iraquianos causaram a morte de “quase 250 americanos e um número muito maior de

civis iraquianos” em quase um ano “desde que o presidente Bush declarara prematuramente “um fim às hostilidades” no início de maio” de 2004 (Anderson, 2004, p. 346). Nessa época, também ocorreram casos marcantes que exemplificaram a magnitude da violência que tomou conta da região - como o sequestro e execução filmada do americano Nicholas Berg. Extremistas iraquianos decapitaram o jovem de 26 anos em retaliação às violências cometidas pelos Estados Unidos em Abu Ghraib. Para o autor, essa visão etnocêntrica dos americanos, que não se preocuparam em entender as estruturas do Iraque para prepara um plano pós-guerra, foi uma das principais falhas dos Estados Unidos nesse conflito:

O sinal de alerta de que algo iria acontecer para tornar tudo terrível e fazer com que tudo desse errado estava lá desde o primeiro dia, nos homens que conversavam comigo enquanto assistíamos a estátua de Saddam ser derrubada, como um tipo de aviso, nos saques que vi acontecerem e no saque de armas que estava começando a acontecer, na falta de consciência dos americanos quando entraram em Bagdá. [...] eles não tinham nenhum plano, e isso foi chocante para mim. Eu sempre esperei mais, sabe, você pensa no governo como algo grande, certo? Que eles sabem mais do que você. Acontece que não, eles não sabiam, e isso foi chocante. Então, essa falta de consciência, francamente, esse tipo de determinismo etnocêntrico que parece ser uma característica dos meus compatriotas, também é uma espécie de truísmo sobre os americanos [...] (Anderson, 2025)

No que tange ao escopo *People Oriented*, o livro destaca algumas histórias extremamente impactantes de civis iraquianos afetados pela guerra - em especial, de mulheres e crianças - que o colocariam na abrangência dessa orientação. Ainda na primeira parte do livro, somos apresentados aos já mencionados refugiados iraquianos. O autor conta, então, as dificuldades de um grupo de mulheres “iraquianas persas”, que foram expulsas do país árabe depois do início da Guerra Irã-Iraque, por meio do relato da personagem Um Asil. O regime de Saddam Hussein a prendeu, junto com sua família, em 1980 e, depois do período de encarceramento, obrigou o grupo a transpor a pé a “terra de ninguém entre os dois países”. (Anderson, 2004, p. 46) O sofrimento da caminhada foi agravado por ataques de criminosos e violências, principalmente, sexuais - pontos ecoados pelas outras mulheres em suas próprias histórias:

Fomos obrigados a caminhar durante mais ou menos três dias até chegar a um lugar seguro. Uma mulher pisou numa mina. Teve o pé arrancado e sangrou até morrer. E certa noite uma quadrilha nos atacou e estuprou algumas das moças. Algumas foram levadas e nada mais se soube delas. Tivemos de deixar os sapatos para trás no deserto. [...] Vinte e três anos haviam-se passado desde

então, mas tive a impressão de que era a primeira vez que Um Asil contava sua história a um forasteiro. As de suas amigas, as outras mulheres que estavam com ela, eram relatos igualmente trágicos. Para a maioria, transpor a fronteira fora sobretudo dilacerante. Parece que os bandidos que haviam atacado o grupo de Um Asil agiram com impunidade por algum tempo ao longo da fronteira. Uma das outras mulheres fazia parte de um grupo que fora atacado repetidas vezes pela mesma quadrilha, durante vários dias. Em seu caso, haviam estuprado e assassinado várias moças. As sobreviventes acharam os corpos, jogados mais adiante ao longo das trilhas que tomaram para chegar ao Ira. (Anderson, 2004, p. 46)

Na segunda parte do livro, já durante a invasão americana, o grande foco humanitário se dá nos hospitais de Bagdá. Lá, nomes e rostos são dados ao sofrimento tanto dos feridos quanto das famílias dessas pessoas - todos os quais terão que lidar com sequelas físicas ou psicológicas pelo resto da vida por causa do conflito. E também, é possível ver o custo mental que a situação tem para os médicos iraquianos, sobrecarregados com a quantidade de vítimas e luto. Um relato em especial resume todos os pontos discutidos acima, que é a história do menino Ali, uma criança de 12 anos ferida em um ataque de míssil. Além de perder a mãe, o pai e um dos irmãos, Ali teve seu torso carbonizado e os braços amputados por causa do bombardeio. Segundo o médico do menino, Dr. Saleh, suas chances de sobrevivência também eram de 30%. Anderson se encontrou com o Ali e, em um momento impactante, pergunta sobre a vida e os desejos dele:

Pedi a Saleh que perguntasse a Ali em que ele estava pensando. Ali falou um instante, numa suave voz de menino. — Ele não pensa em nada, e não se lembra de nada — traduziu Saleh. Explicou que Ali não sabia, nem lhe haviam dito, que sua família estava morta. Perguntei a Ali sobre a escola. Ele estava na sexta série, disse, e sua matéria favorita era geografia. Quando ele falou, a tia começou a alisar sua cabeça. Gostava de esportes?, perguntei. Sim, respondeu ele, especialmente de vôlei, e também de futebol. Precisava de alguma coisa? Não, de nada. Ele me olhou então e disse alguma coisa. Saleh não traduziu. Perguntei-lhe o que ele dissera. — Ele disse: “Bush é um criminoso e está lutando por petróleo.” — Ali disse isso como tudo mais, sem expressão. A tia começou a chorar baixinho, fora de seu campo de visão, atrás dele. Perguntei a Ali o que ele queria ser quando crescesse. — Um oficial. — Ao ouvir isso, a tia clamou “*Inshallah*” — se Deus quiser — e notei que o Dr. Saleh começara a chorar baixinho por trás da máscara. (Anderson, 2004, p. 210)

No trecho acima, também fica claro a vulnerabilidade da equipe médica nessas situações, que, apesar de serem profissionais, têm momentos de humanidade e empatia muito

fortes com seus pacientes. Dr. Saleh reforça ainda mais essa ideia para Jon Lee Anderson na conversa logo após o encontro com Ali:

Encaminhamo-nos calados para seu escritório, onde ele lavou o rosto na pia e respirou fundo. Eu comentei: — Então não é verdade o que dizem, que os médicos conseguem esconder suas emoções. Ele olhou para mim. Tinha os olhos avermelhados. Disse: — Nós somos seres humanos. (Anderson, 2004, p. 210)

O livro também mostra o trabalho de grupos anti-guerra no Iraque. Apesar de ser crítico - e até irônico - em relação a alguns esforços de paz - em geral, aqueles que não condizem com a realidade no Iraque - o autor também conversa com pessoas que têm plena consciência das dificuldades e desafios de operar em prol da paz em um contexto como o do país. Ainda assim, esses indivíduos continuam trabalhando para tentar impedir a guerra e, posteriormente, mitigar as consequências do conflito. Esses pontos de vista permitem com que o leitor reconheça essas pessoas como atores legítimos e também revelam que a guerra não é algo inevitável. Uma dessas ativistas é a ex-professora americana Kathy Kelly, líder do grupo Vozes no Deserto. Seu ativismo anti-bélico começou durante a Guerra do Vietnã, e continuou com a campanha antinuclear, o movimento de asilo dos EUA aos refugiados de guerra centro-americanos durante a era Reagan e protestos contra as sanções do Iraque depois da Guerra do Golfo. Anderson afirma que, antes de conhecê-la, formou uma opinião hostil de Kelly porque suas políticas sobre o Iraque eram bem acolhidas pelo regime de Saddam Hussein - tornando-a extremamente popular com o governo. Mas, após uma conversa com a americana, mudou de ideia, e avaliou a mulher como ponderada e lúcida sobre sua posição na conjuntura política e geopolítica da região:

Não creio que os Estados Unidos desejem necessariamente a mudança, mas sim alguém, não sei quem, para chegar num cavalo branco e resolver as coisas. Desconfio que querem tirar do poder apenas Saddam Hussein e sua panelinha, mas deixarão o resto. Os Estados Unidos estão interessados sobretudo na produção de petróleo do Iraque, e portanto vão precisar da estrutura baathista existente para tomar conta da revitalização da indústria petrolífera e reforçar a produção. Quando sugeri a Kelly que suas atividades a haviam transformado numa ferramenta útil para Saddam, ela se defendeu, calma. — Eu não apoio o atual regime — respondeu. — Sempre reconheci que há um medo palpável aqui, e que os direitos humanos não são respeitados. Sim, sob alguns aspectos eu finjo me deixar enganar e isso é útil para algumas pessoas, mas ao menos eles ouvem a verdade, e quando cheguei aqui perguntei a gente como Tariq Aziz: “E os prisioneiros políticos?” e “Por que vocês ensinam seus alunos na

escola a odiarem os israelenses?”. Não é comum pessoas virem aqui dizer coisas como essas as figuras no poder. Claro, eles merecem mais do que uma professora de religião de ensino médio, mas ninguém mais faz isso! — Ela riu, amarga. — E por que, como pacifista, eu jamais diria que a guerra, com todas as suas trágicas consequências, deve ser usada para realizar uma mudança aqui? (Anderson, 2004, p. 77-78)

Esse foco nas iniciativas de paz também coloca o livro no escopo de *Solution Oriented*. A partir de alguns momentos já destacados, é possível perceber que *A Queda de Bagdá* dá uma importante ênfase à reconstrução do Iraque - mesmo que, no recorte temporal da obra, essa resolução e reconciliação não tenha se concretizado. O autor leva em consideração vários pontos de vista e ressalta a importância da compreensão das estruturas culturais e sociais iraquianas para criar um pós-guerra bem sucedido. Ala Bashir é uma dessas pessoas com as quais Anderson conversa sobre a paz depois da invasão:

— Sabe, Jon, os verdadeiros problemas estão apenas começando no Iraque. Os americanos podem ter conquistado ou libertado o país, ou seja lá o que for, mas agora têm um trabalho realmente árduo pela frente. Acho que vai ser muito, muito difícil os americanos lidarem com todos os partidos e grupos étnicos. Precisam agir depressa para as coisas voltarem a funcionar e impedir que esses diferentes grupos entrem no vácuo. (Anderson, 2004, p. 286)

O autor também teve uma conversa parecida com o engenheiro Nasser al-Sadoun, que sugeriu algumas ações que permitiriam com que os americanos lidassem melhor com a população do Iraque e restituíssem a paz:

— Eu acho que eles devem deixar as cidades do Iraque, ficar em acampamentos, e manter-se longe dos cruzamentos de ruas, onde são constantemente emboscados. Mas devem primeiro reintegrar várias divisões do exército iraquiano (desmanteladas em maio pelo administrador da Autoridade Provisória da Coalizão, Paul Bremer) e da polícia iraquiana, e deixá-los fazer o patrulhamento. Quanto mais iraquianos envolvidos, melhor. [...] Se os americanos recuassem suas tropas como ele propunha, achava que a maioria dos iraquianos aceitaria a continuação da presença deles no país, para garantir a transição para a democracia. Mas os iraquianos também precisavam de uma figura de proa própria, disse; alguém para guiá-los e a quem respeitassem. (Anderson, 2004, p. 347-348)

A reconstrução da vida pessoal dos civis também é representada em momentos pontuais da narrativa, revelando a resiliência da população e uma esperança de vida após a tragédia. Um exemplo disso é a própria esposa de Nasser, Tamara Daghestani. O casal morava na Jordânia, mas, depois a ocupação americana, eles começaram a pensar em retornar ao Iraque:

Havíamos-nos encontrado algumas vezes em Bagdá, onde ela me falou entusiasmada sobre o que fazia. Começara um trabalho beneficente para órfãos iraquianos, e tinha muitos outros projetos em mente. Disse achar que era seu dever fazer o que pudesse para ajudar a reparar a sociedade danificada do Iraque. Estava claro que, para Tamara, Ama já ficara no passado. Com a queda de Bagdá, ela havia recuperado um lar e um sentimento de que havia algo a ser feito no futuro. (Anderson, 2004, p. 347-348)

Mas, é importante destacar que o livro se afasta pontualmente da orientação *Solution Oriented* quando alguns fatores específicos são analisados. Em razão do recorte temporal da narrativa, não conseguimos ver muitos desses planos e ideias surtindo efeito, o que acaba diminuindo seu impacto no leitor. Não obstante, a prevenção à guerra não é um assunto discutido muito a fundo no livro, e a criatividade para resolver conflitos à longo prazo também não ganha muito destaque.

Conclusão

Levando em consideração todo o conteúdo estudado, fica claro que colocar em prática as teorias de jornalismo de paz não é uma tarefa fácil. Diante das pressões editoriais, falta de recursos e tempo para escrever as reportagens e lógica produtiva das mídias atualmente, esse modelo de fazer jornalismo é contra-hegemônico desde sua origem e desafia as rotinas das redações tradicionais. Dessa maneira, a sua efetivação na vida real em oposição a um jornalismo de guerra dominante é dificultada por fatores que vão muito além da vontade pessoal dos repórteres. Para que isso se concretize, as estruturas dentro das quais os jornalistas estão inseridos precisam ser propícias para uma cobertura de guerra ampla, longa e aprofundada que consiga desfazer as lógicas bélicas da sociedade e abarcar os movimentos de paz, com múltiplos pontos de vista, empatia em relação a todas as partes e revelação de mentiras divulgadas como fatos. Esse trabalho mostrou, então, que modos alternativos do fazer jornalístico são os mais propícios para o desenvolvimento do jornalismo de paz - entre eles, o jornalismo literário.

Dentre os gêneros jornalísticos, o jornalismo literário possui princípios básicos que facilitam a aproximação com o jornalismo de paz. Ele busca uma quebra com o jornalismo tradicional, subvertendo o lide e trazendo para a notícia um lado humano amplificado pelas técnicas literárias utilizadas. Os personagens tomam posição central nas narrativas, e a empatia e identificação com esses são valorizadas como ponto essencial desse tipo de texto. Além disso,

reportagens de jornalismo literário têm como importante característica serem mais longas, aprofundadas e complexas - o que se traduz também nos modos de produção do texto, onde os repórteres ganham mais tempo e liberdade para apurar e depois escrever a matéria.

Frente à análise de dois livros de jornalismo literário sobre guerras - *O Gosto da Guerra* e *A Queda de Bagdá* - foi possível concluir que, em razão da grande afinidade entre os dois conceitos, que, como já elucidado, têm princípios que facilitam a tradução de um a partir do outro, o jornalismo literário de fato se torna um terreno fértil para que o jornalismo de paz seja praticado. Segundo o balanço realizado neste estudo, ambas as obras cumprem os pré-requisitos para se enquadrarem nos escopos usados por Galtung para definir jornalismo de paz - *Peace/Conflict Oriented, Truth Oriented, People Oriented, Solution Oriented* (Orientado para Paz/Conflito, Orientado para Verdade, Orientado para Pessoas, Orientado para Soluções, respectivamente). A partir da utilização de estratégias do jornalismo literário, como a humanização dos personagens, aprofundamento nos temas e estilo de escrita autoral, ideias do jornalismo de paz são contempladas, como a representação de todas as partes envolvidas no conflito, foco nas vítimas, exposição de crimes de guerra, destaque aos efeitos invisíveis da guerra, entre outros. A única exceção a qual é possível enfatizar é *O Gosto da Guerra* no escopo *Solution Oriented* - a matéria, por uma restrição do recorte temporal escolhido, não trata muito sobre os subsequentes processos de paz no Vietnã. Mas, até essa exceção reforça a relação entre o jornalismo literário e o jornalismo de paz - já que, se a reportagem fosse mais longa e o repórter tivesse conseguido retornar ao Vietnã para dar continuidade à cobertura do pós-guerra, os esforços de paz também teriam sido contemplados, como ocorreu n'*A Queda de Bagdá*.

Portanto, sem as amarras do lide e com uma lógica produtiva que permite mais liberdade de tempo e editorial ao repórter, o jornalismo de paz consegue crescer e evoluir. Como demonstrado neste trabalho, o jornalismo literário é um espaço na mídia da atualidade onde esses pré-requisitos são cumpridos e, com isso, a guerra consegue ser coberta com a lógica da paz - mesmo que de maneira não proposital. Ainda assim, o campo do jornalismo de paz é amplo e complexo, e este estudo não cobriu todas as potencialidades desse tipo de cobertura, as quais podem ser desenvolvidas em futuras pesquisas. Jon Lee Anderson (2005) afirma que buscar a paz por meio da cobertura de guerra “é como escalar uma montanha: você nunca sabe o que vai encontrar no topo.” Mas, mesmo em meio a incertezas, devemos lembrar que “só podemos encontrar as pistas para resolver conflitos se nos aproximarmos e olharmos de perto.”

Bibliografia

ANDERSON, Jon Lee. Entrevista concedida à autora em 8 de ago de 2025, via Google Meet.

_____. **A Queda de Bagdá**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ATANEYSYAN, Arthur. Media Framing on Armed Conflicts: Limits of Peace Journalism on the Nagorno-Karabakh Conflict. **Journal of Intervention and Statebuilding**, v. 14, n. 4, 2020.

BADEN, Christian; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. The Search for common ground in conflict news research: Comparing the coverage of six current conflicts in domestic and international media over time. **Media, War & Conflict**, v. 11, n. 1, 2017.

BAK, John S. “The paper cannot live by poems alone”: World War I Trench Journals as (Proto-) Literary Journalism. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (Eds.). **Literary Journalism and World War I**. 1. ed. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016.

_____. Toward a Definition of International Literary Journalism. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 214–239, 2017.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura de revistas periódicas, forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966 – 1976)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BASSIL, Youssef. The 2003 Iraq War: Operations, Causes and Consequences. **IORES Journal of humanities and Social Science**, v. 4, n. 5, 2021.

BENÍCIO, Jeff. Ex-repórter da Globo revive perda de uma perna em acidente com mina no Vietnã. **Terra**, 27 jun. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/ex-reporter-da-globo-revive-perda-de-uma-perna-em-acidente-com-mina-no-vietna,797afd4dd57a6cdd115df43fdb196bfftwd8oot8.html> Acessado em 11 nov. 2025

BLÄSI, Burkhard. Implementing peace journalism: The role of conflict stages. **Conflict & communication online**, v. 8, n. 2, 2009.

_____. Peace journalism and the news production process. **Conflict & communication online**, v. 3, n. 1/2, 2004.

BROTTO, Victória Alves de Abreu Mancuso. Quando o jornalista precisa ser controlado: um breve estudo sobre as teorias organizacional e transorganizacional e suas interações. **BOOC Biblioteca on line de Ciências da Comunicação**, 2012.

CAMARGO, Bruna Emy. **Jornalismo Literário e cobertura de guerra: A produção de Dorrit Harazim**. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2021.

CARVALHO, Patrícia Fossatti de et al. Análise do livro O Gosto da Guerra de José Hamilton Ribeiro baseado no Livro-Reportagem. **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2019.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. São Paulo: WMF Martinsfontes 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2 ed, 2010.

ELIAS, Paula de Campos. **A mídia e a Guerra do Iraque nos Estados Unidos**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ed. Da ULBRA / AGE, 1999.

FREITAS, Camila. Tempo modo e voz: confluência entre as narrativas literária e jornalística em O Gosto da Guerra. **11º interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero**, 2018.

FRONEMAN, J. D., SWANEPOEL, Thalyta. Embedded journalism: more than a conflict reporting issue. **Communication: South African Journal for Communication Theory and Research**, v. 30, n. 2, 2007.

GALTUNG, Johan. Peace Journalism. **Media Asia**, v. 30, n. 3, 2003.

GARGAN, Edward A. Seeing what others failed to notice. **NiemanReports**, 15 jun. 2005. Disponível em: <https://niemanreports.org/articles/seeing-what-others-failed-to-notice/> Acessado em 11 nov. 2025

GHEDINI, Frederico Barbosa. **Uma relação fria e distante: os jornalistas e o Sindicato no Estado de São Paulo**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2012.

HACKETT, Robert A. Is Peace Journalism possible? Three frameworks for assessing structure and agency in news media. **Conflict & communication online**, v. 5, n. 2, 2006.

HADYNIK, Kyle. How journalism influenced American public opinion during the Vietnam war: A case study of the Battle of Ap Bac, the Gulf of Tonkin Incident, the Tet Offensive and the My Lai Massacre. **Honors College**, 2015.

HANITZSCH, Thomas. Journalists as a Peacekeeping Force? Peace journalism and mass communication theory. **Journalism Theory**, v. 5, n. 4, 2004.

_____. Situating peace journalism in journalism studies: A critical appraisal. **Conflict & Communication Online**, v. 6, n. 20, 2007.

HAYES, Danny, GUARDINO, Matt. Whose View Made the News? Media Coverage and the march to war in Iraq. **Political Communication**, Oxfordshire, UK, v. 27, 2010

HORTEN, Gerd. The Mediatization of War: A comparison of the American and German media coverage of the Vietnam and Iraq Wars. **American Journalism**, v. 28, n. 4, 2011.

HUEBNER, Andrew J. Rethinking American Press Coverage of the Vietnam War, 1965-68. **Journalism History**, v. 31, n. 3, 2005.

IJUM, Jorge Kanehide; SUIJKERBUIJK, Herma Aafke; SCHMIDT, Laureane de Queiroz. Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 5, n. 1, p. 137-148, 2008.

JEHANGIR, Ayesha. **Finding peace journalism: An analysis of media discourse on Afghan refugees and their forced repatriation from Pakistan**. Tese (Doutorado em Filosofia) - School of the Arts, English and Media, Universidade de Wollongong, Austrália. 2021.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2 ed, 2010.

KEMPF, Wilhem. Two experiments focusing on de-escalation oriented coverage of post-war conflicts. **Conflict & Communication Online**. v. 4, n. 2, 2005.

LEE, Angela M. Social Media and Speed-Driven Journalism: Expectations and Practices. **International Journal on Media Management**, v. 17, n. 4, 2015.

LEMAN, Nicholas. The Journalism in Literary Journalism. **Literary Journalism Studies**, Nova York, v. 7, n.2, 2015.

LYNCH, Jake; MCGOLDRICK, Annabel. Responses to peace journalism. **Journalism**, v. 14, n. 8, 2012.

- MAZARR, Michael J., The Iraq War and Agenda Setting. **Foreign Policy Analysis**, v. 3, n. 1, Oxford, Reino Unido, 2007
- MELLO, Patrícia Campos. Guerra sem jornalista é pior. In: RIBEIRO, José Hamilton. **O Gosto da Guerra e outras reportagens da Realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- NOHRSTEDT, Stig A. New War Journalism: Trends and Challenges. **Nordicom Review**, v. 30, n. 1, 2009.
- PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo A. Contando a história do presente: princípios para uma caracterização estrutural do jornalismo literário. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2007.
- PAYNE, Kenneth. The Media as an Instrument of War. **Pareters**, Londres, v. 35, n. 1, 2005.
- PEDRO, Vanessa Lehmukuhl. Entrevista: Guerra.Doc José Hamilton Ribeiro conta a experiência de cobrir a guerra do Vietnã para a revista Realidade em Maio de 1968. **Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 12, n. 2, 2017.
- PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2006.
- PEREIRA, Andreza Silva. **Jornalismo Literário: Poética e ruptura como jornalismo tradicional**. Cuiabá: UFMG, 2017.
- RIBEIRO, José Hamilton. Entrevista concedida a Eduardo Gomes a pedido da autora, em 14 de jan de 2025, via Google Meet.
- RIBEIRO, José Hamilton. **O Gosto da Guerra e outras reportagens da Realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e literatura. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, 2013.
- ROILAND, Josh. By any other name: The case for Literary Journalism. **Literary Journalism Studies**, Nova York, v. 7, n. 2, 2015.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SHINAR, Dov. Can peace journalism make progress? The Coverage of the 2006 Lebanon War in Canadian and Israeli Media. **The International Communication Gazette**, v. 71, n. 6, 2009.
- _____. **Reflexões sobre cobertura de guerras pela mídia: dissonâncias, dilemas e a necessidade de melhorar**. São Paulo: Líbero, 2013.
- SIMÃO, Mônica Barroso Reis. **Jornalismo Literário como gênero: Evolução, Implicações e Características**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2018.
- SIMAS, Hellen Cristina Picanço, FERREIRA, Ludyanne S., PAZ, Adriana Souza. Jornalismo Literário: Análise da Obra Hiroshima de John Hersey. **Revista Decifrar**, v. 5, n. 9, 2017.
- SIMS, Norman. The Problem and the Promise of Literary Journalism Studies. **Literary Journalism Studies**, Nova York, v. 1, n. 1, 2009.
- STORY, Wm. Shane. Review of Anderson, Jon Lee. The Fall of Baghdad. **H-War, H-Net Reviews**, 2006.
- STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2 ed, 2010.
- SUZUKI JR., M. Jornalismo com H. In: **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TOLEDO, Janaina; TOMAZ, Tales. Jornalismo Literário: Uma nova forma de fazer jornalismo. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **A Tribo Jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Editora Insular. 2005.

UM DOS poucos brasileiros a cobrir a guerra, José Hamilton Ribeiro relembra explosão de mina. **Folha de S. Paulo**, 25 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A0c3aiyzNrY>
Acessado em 11 nov. 2025

VIEIRA, Leylianne Alves; LEITE, Marcelo Eduardo. A experiência da reportagem na revista Realidade. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2014.

WEISE, Angélica Fabiane. Jornalismo Literário: análise de reportagens de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 6, n. 3, 2013.

_____. Para compreender o jornalismo literário. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 2013.

WESTHEIDER, James. **The Vietnam War**. Connecticut: Greenwood Press, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2005.

WOLFSFELD, Gadi. **Media and the Path to Peace**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. **Promoting Peace through the News Media: Some Initial Lessons from the Oslo Peace Process**. The International Journal of Press/Politics. v. 2, n. 4, 1997.

ZDOVC, Sonja Merljak. **Literary journalism: the intersection of literature and journalism**. Acta Neophilologica. v. 37, n. 1-2, 2004.